



# A CIDADE ATRAVÉS DOS OLHOS DAS CRIANÇAS

**FILIFE TEIXEIRA DE SOUZA**

Dissertação submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de  
**MESTRE EM PLANEAMENTO E PROJECTO URBANO**

---

Orientadora: Prof. Doutora Teresa Manuel Almeida Calix Augusto

JULHO DE 2019

## **MESTRADO EM PLANEAMENTO E PROJECTO URBANO 2018/2019**

DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA CIVIL

Tel. +351-22-508 1903

Fax +351-22-508 1446

✉ [mppu@fe.up.pt](mailto:mppu@fe.up.pt)

*Editado por*

FACULDADE DE ENGENHARIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Rua Dr. Roberto Frias

4200-465 PORTO

Portugal

Tel. +351-22-508 1400

Fax +351-22-508 1440

✉ [feup@fe.up.pt](mailto:feup@fe.up.pt)

🌐 <http://www.fe.up.pt>

Reproduções parciais deste documento serão autorizadas na condição que seja mencionado o Autor e feita referência a *Mestrado em Planeamento e Projecto Urbano - 2018/2019 - Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Engenharia e da Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2019.*

As opiniões e informações incluídas neste documento representam unicamente o ponto de vista do respetivo Autor, não podendo o Editor aceitar qualquer responsabilidade legal ou outra em relação a erros ou omissões que possam existir. O idioma escolhido para este documento foi o português do Brasil.

Este documento foi produzido a partir de versão eletrónica fornecida pelo respetivo Autor.

À minha família

*“O Mundo do homem é uma fábrica de ideias e sonhos, alguns dos quais ele consegue dar forma visível”*

*(TUAN, 1967, p.16)*



## **AGRADECIMENTOS**

A investigação é um trabalho de grande aprendizagem e não se faz sozinho, onde diretamente ou indiretamente muitos contribuem. Devidamente agradeço neste trabalho a todos que contribuíram de alguma forma:

As instituições de ensino que viabilizaram e acolheram esta pesquisa.

Direção do Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha, o Diretor Dr. Armando Coelho e a Dra. Márcia Silva da Direção de Projetos, pela autorização do exercício junto das crianças da Escola EB1/ JI Agra.

Diretora Sílvia Berény, pela atenção e disponibilidade para o desenvolvimento dos exercícios junto às crianças da escola OSMOPE, como também as professoras Iva Tavares e Mariana Ribeiro.

A professora Roberta Luchini pela disponibilidade e recepção no Clubinho Verde Amarelo de Winnersh. Maria Alice com os exercícios no Colégio Nossa Senhora do Assunção em Niterói. A professora Mar Pujada e a Escola Thau de Barcelona pela oportunidade disponibilizada. Ao Centro Educacional Batista de Bom Jesus do Itabapoana, a professora Karina Pimentel e Vilma Moraes. A professora Amina Taju e o Colégio Privado da Matola-Maputo em Boane, ao também colega Hazrat Salmagy pela mediação. A Escola Kotlářská de Brno e aos amigos Igor e Hana Czajkowska pela mediação e dedicação.

A Professora. Doutora Teresa Manuel Almeida Calix Augusto pela sabedoria compartilhada e orientação ao longo desta investigação.

Aos colegas de mestrado, pela troca de experiências e ajudas em diversos momentos. Como os amigos que sempre estiveram presentes quando precisei e a todos aqueles que continuam presentes.

A minha mãe e ao meu irmão, com apoio e amor incondicional ao longo desta jornada.

A minha esposa Marana Romão, por estar presente em todos os momentos ao longo desta aventura, uma caminhada árdua, com muitos obstáculos, mas também de muitas conquistas.

Todas as crianças das oito escolas, das sete cidades, que me motivaram com suas expressões e compartilharam suas experiências e olhares sobre a cidade.



## RESUMO

As cidades desempenham um papel muito importante na formação das crianças, atuando como lugares onde estas desenvolvem a sua imaginação, mas as relações que se estabelecem com os seus diferentes espaços também são capazes de criar uma identidade dentro de uma comunidade.

O contato com a cidade é fundamental para o desenvolvimento e crescimento na criação do mapa mental. A rápida urbanização e o avanço tecnológico têm tornado o dia a dia das crianças mais dinâmico nas cidades, o que de um certo modo vem mudando hábitos e percepções.

A presente dissertação trata prioritariamente das questões referentes às percepções visuais das crianças perante a cidade em que vivem. Tem como objetivo não a precisão cartográfica, mas perceber quanto a cidade pode ser legível e imaginável, assim, identificando a relação das crianças com o meio urbano.

As discussões são fundamentadas na teoria de Gordon Cullen em *Paisagem Urbana* e nos elementos da *Imagem da Cidade*, por Kevin Lynch. O estudo é baseado em exercícios desenvolvido com 182 crianças de sete países, no período de 2018 e 2019, onde, através de desenhos, apresentam a cidade onde vivem.

Uma abordagem qualitativa foi julgada a mais apropriada para análise dos desenhos, levando em consideração o tempo e a disponibilidade que as escolas proporcionaram, também permitindo oferecer às crianças uma liberdade no desenvolvimento dos desenhos, para que fosse possível captar de forma natural a percepção da cidade.

Observaram-se muitos pontos em comum entre os desenhos dos sete países, a maioria mostrando uma representação de cidade grande e movimentada com skylines, tráfego e áreas comerciais. Há também características distintivas quando algumas crianças tendem a enfatizar questões ambientais e sociais. As crianças demonstraram mais semelhanças em seus desenhos do que diferenças, mesmo com suas diferenças culturais e sociais.

No geral, o resultado da análise reconhece que as crianças percebem a cidade em que vivem. Não só as atitudes pessoais, culturais e sociais impactam na percepção, como também a qualidade do espaço urbano tem um forte efeito na construção da Imagem Urbana.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Crianças, Imagem Urbana, Percepção, Legibilidade.



## **ABSTRACT**

Cities play a very important role in shaping children, acting as the areas that most develop their imagination, but they also have the ability to create an identity within a community.

Contact with the city is fundamental to the development and growth in the creation of the mind map. Rapid urbanization and technological advancement have made the daily lives of children more dynamic in cities, which in a way has been changing habits and perceptions.

The present dissertation deals with the priority questions about the visual perceptions of the children to a life in which they live. It has a data card, but a city can be readable and imaginable, identifying a relationship between children and the urban environment.

The discussions are grounded in Gordon Cullen's Theory of Urban Landscape and elements of City Image by Kevin Lynch. The exercise class developed with 182 children from seven countries, from 2018 to 2019, where, through drawings, presents a city where they live.

A qualitative measure has been found to be more appropriate for the analysis of drawings, taking into account the time and resources that schools provide, but it is also useful for the freedom of one of the images in the drawings so that a natural form of perception can be captured. of the city.

The commonalities between the designs of the seven countries were noted, largely a representation of the big, bustling city with the skylines, the fighting, and the shopping areas. There are the distinguishing features in which children tend to divert environmental and social issues. Children showed more similarities in their drawings to differences, even with their cultural and social differences.

Overall, the analysis diagnosis is recorded as child health by the city in which they live. Personal, cultural and social atmospheres impact perception, but also the quality of urban space has a strong effect on the construction of the Urban Image.

**KEYWORDS:** City, Children, Urban Image, Perception, Readability



## ÍNDICE GERAL

<b>AGRADECIMENTO</b> .....	i
<b>RESUMO</b> .....	iii
<b>ABSTRACT</b> .....	v
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1. APRESENTAÇÃO.....	1
1.2. OBJETIVO .....	3
1.3. MÉTODO .....	4
1.4. ESTRUTURA .....	6
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	7
2.1. O ASPECTO DA IMAGEM URBANA.....	7
2.2. A CIDADE: UMA QUESTÃO EPISTEMOLÓGICA .....	7
2.3. A PAISAGEM URBANA: O ELEMENTO DE PERCEÇÃO .....	10
2.4. IMAGEM URBANA.....	13
2.4.1. IMAGINABILIDADE E LEGIBILIDADE .....	15
2.4.2. ELEMENTOS DE LEGIBILIDADE E IMAGINABILIDADE.....	17
2.4.2.1. Vias.....	17
2.4.2.2. Limites .....	18
2.4.2.3. Bairros .....	18
2.4.2.4. Nós .....	19
2.4.2.5. Marcos .....	20
2.5. O OLHAR DAS PESSOAS PARA AS CIDADES.....	21
2.5.1. PERCEÇÃO – A CIDADE COMO OBJETO .....	21
<b>3. ESTUDO DE CASO</b> .....	25
3.1. APRESENTAÇÃO PANORÂMA GERAL .....	25
3.1.1. ESCOLA EB1 AGRA - PORTO.....	28
3.1.2. ESCOLA OSMOPE - PORTO.....	30

3.1.3. ESCOLA CLUBINHO VERDE E AMARELO - WINNERSH.....	31
3.1.4. COLÉGIO NOSSA SRA. DA ASSUNÇÃO - NITERÓI .....	33
3.1.5. COLÉGIO PARTICULAR MATOLA-MAPUTO - BOANE.....	34
3.1.6. ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL BATISTA - BOM JESUS DO ÍTABAPOANA.....	36
3.1.7. ESCOLA THAU - BARCELONA .....	37
3.1.8. ESCOLA KOTLÁŘSKÁ - BRNO .....	40
<b>3.2. CATEGORIZAÇÃO DOS DESENHOS .....</b>	<b>41</b>
3.2.1. INTERPRETAÇÃO ESCOLA EB1 AGRA - PORTO.....	43
3.2.2. INTERPRETAÇÃO ESCOLA OSMOPE - PORTO .....	45
3.2.3. INTERPRETAÇÃO ESCOLA CLUBINHO VERDE E AMARELO - WINNERSH .....	46
3.2.4. INTERPRETAÇÃO ESCOLA NOSSA SRA. DA ASSUNÇÃO - NITERÓI .....	48
3.2.5. INTERPRETAÇÃO COLÉGIO PARTICULAR MATOLA-MAPUTO - BOANE .....	50
3.2.6. INTERPRETAÇÃO ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL BATISTA - BOM JESUS DO ÍTABAP.....	52
3.2.7. INTERPRETAÇÃO ESCOLA THAU - BARCELONA.....	54
3.2.8. INTERPRETAÇÃO ESCOLA KOTLÁŘSKÁ - BRNO.....	55
<b>3.3. RESULTADOS .....</b>	<b>58</b>
<b>4. CONCLUSÃO E PROPOSTA .....</b>	<b>65</b>
4.1. CONCLUSÃO .....	65
4.2. PROPOSTA FUTURA .....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	69
ANEXOS.....	75

## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 - Localização das escolas no Mundo .....	26
Fig. 2 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade do Porto, Portugal .....	29
Fig. 3 - Crianças em atividade na Escola EB1/J1 Agra .....	29
Fig. 4 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Reading, Reino Unido .....	32
Fig. 5 - Crianças em atividade no Clubinho Verde e Amarelo em Winnersh.....	32
Fig. 6 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Niterói, Brasil.....	34
Fig. 7 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Boane, Moçambique .....	35
Fig. 8 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, Brasil .....	36
Fig. 9 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Barcelona, Espanha.....	38
Fig. 10 - Crianças em atividade na Escola Thau em Barcelona .....	39
Fig. 11 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Brno, República Tcheca.....	41
Fig. 12 - Desenho 004 Rio Douro como elemento Limite entre Porto e V.N.de Gaia .....	44
Fig. 13 - Desenho 006 Praia como Limite e de relação social com Espaço Urbano.....	45
Fig. 14 - Desenho 032 Representação Marco .....	46
Fig. 15 - Desenho 038 Marco e cotidiano da cidade.....	46
Fig. 16 - Desenho 021 Conjunto de fachadas na zona comercial de Reading.....	47
Fig. 17 - Desenho 023 Prospect Park de Reading.....	48
Fig. 18 - Desenho 055 Marco na cidade de Niterói.....	48
Fig. 19 - Desenho 058 Praia de São Francisco como elemento Limite.....	49
Fig. 20 - Desenho 063 Sobreposição dos elementos .....	49
Fig. 21 - Desenho 086 Ilustração do Bairro com Vias e Nós .....	51
Fig. 22 - Desenho 095 Representação da área agrícola. ....	52
Fig. 23 - Desenho 100 Ilustração da casa. ....	53
Fig. 24 - Desenho 097 Representação da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus.....	53
Fig. 25 - Desenho 109 e 113 Marcos da Cidade de Barcelona .....	54
Fig. 26 - Desenho 110 Via.....	55
Fig. 27 - Desenho 126 e 152 Marcos Comerciais.....	56
Fig. 28 - Desenho 124 e 128 como Marcos Turísticos .....	56
Fig. 29 - Desenho 131 Ilustração do Parque Desenho 139 “To je nádhera!” .....	57
Fig. 30 - Desenho 129 Preocupação ambiental.....	57
Fig. 31 - Figuras vs. Mapas.....	59
Fig. 32 - Desenho 007 Praia do Porto e desenho 057 Praia de Niterói.....	63
Fig. 33 - Desenho 048 Metro do Porto e desenho 061 Ônibus em Niterói.....	63



## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Incidências em % Im. da Cid. EB1/Porto .....	44
Gráfico 2 – Incidências em % Matéria EB1/Porto .....	44
Gráfico 3 - Incidências em % Im. da Cid. CVA/Winnersh .....	47
Gráfico 4 - Incidências em % Matéria CVA/Winnersh.....	47
Gráfico 5 - Incidências em % Im. da Cid. C.N.S.Assunção/Niterói .....	50
Gráfico 6 - Incidências em % Matéria C.N.S.Assunção/Niterói .....	50
Gráfico 7 - Incidências em % Im. da Cid. CPMM/Boane .....	51
Gráfico 8 - Incidências em % Matéria CPMM/Boane .....	51
Gráfico 9 - Incidências em % Im. da Cid. EPCEB/Bom Jesus.....	54
Gráfico 10 - Incidências em % Matéria EPCEB/Bom Jesus .....	54
Gráfico 11 - Incidência em % Im. da Cid. E.Kotlářská/Brno .....	56
Gráfico 12 - Incidências em % Matéria E.Kotlářská/Brno .....	56
Gráfico 13 - Variação na percepção geral dos elem. da Im. da Cidade em % - Barra.....	58
Gráfico 14 - Variação na percepção geral dos elem. da Im. da Cidade - Radar .....	60
Gráfico 15 - Variação na percepção geral dos elem. da Mat. do Amb. Urb em %. - Barra.....	62
Gráfico 16 - Variação na percepção geral dos elem. da Mat. do Amb. Urb. - Radar .....	64



## **ABREVIATURAS**

CNSA - Colégio Nossa Senhora da Assunção

CPMM - Colégio Privado Matola-Maputo

CVA - Clubinho Verde e Amarelo

EB1/JI - Escola Básica 1º Ciclo e Jardim de Infância

EPCEB - Escola Particular Centro Educacional Batista

FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IC - Imagem da Cidade

MAC - Museu de Arte Contemporânea

OSMOPE - Obra Social do Ministério das Obras Públicas

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Amb. - Ambiente

Cid. - Cidade

Elem. - Elementos

Et al. - e outros

Fig. - Figura

Im. - Imagem

Mát. - Matéria

Mod. - Modelo

Ref. - Referência

Tab. - Tabela

Urb. - Urbano



# 1

## INTRODUÇÃO

### 1.1. APRESENTAÇÃO

A cidade ao longo da sua história é formada por evoluções sucessivas e pela criação de espaços para atender uma população em constante transformação. O Mundo mais globalizado, a rápida urbanização e o avanço tecnológico têm tornado cada vez mais dinâmico o dia a dia das pessoas nas cidades, o que, de um certo modo, vem influenciando no estilo de vida, no comportamento, nas mudanças dos hábitos e nas percepções.

As cidades podem ser analisadas como formas de vivências sobrepostas, que estão em contínua expansão e incluem numerosas dimensões da vida pública, atividades sociais e espaço físico.

A cidade é o reflexo dos valores de uma sociedade e a relação de percepção da sociedade tem efeito considerável nos espaços urbanos, de tal forma que a legibilidade e imaginabilidade concentram-se nessa relação que determina elementos para criar espaços estruturados, organizados e locais habitáveis, que respondam às necessidades da sociedade.

Para criar melhores ambientes, em uma sociedade tão diversificada e que se encontra em constante mudança, se faz necessário entender como essa sociedade percebe o ambiente em que vive.

Assim, essa dissertação, assumindo-se como um estudo exploratório, aborda como alunos de oito escolas, localizadas em sete cidades de diferentes países, percebem suas cidades, e como a cultura e as experiências ajudam a compreender o espaço e o senso de comunidade.

Para tal, buscou-se em autores como Kevin Lynch e Gordon Cullen o resgate de conceitos como imagem urbana, paisagem da cidade, percepção, mapa cognitivo, para definir as relações de legibilidade e para contribuir na composição de um método a aplicar à leitura da cidade. Desta forma, procurou-se estabelecer uma sequência de procedimentos metodológicos que permitissem alcançar os objetivos propostos através dos desenhos e das referências teóricas,

buscando uma diversidade de resultados, e um paralelo entre a imagem construída e a percepção espacial.

Os desenhos resgatam as imagens percebidas, refletindo as imagens das crianças sobre o recorte escolhido. Suas principais referências, como ruas, edificações, parques e pormenores, retratam a diversidade encontrada em suas cidades.

O modelo de Lynch fornece um ponto de partida pertinente para a compreensão dos elementos do espaço urbano percebido. Para iniciar, define a legibilidade como [...] a facilidade com a qual as partes podem ser reconhecidas e organizadas de forma coerente. (Lynch, 1997, p.13). A metodologia aplicada por Lynch e seus resultados são importantes e bem conhecidos, evidenciando que os mapas mentais que as pessoas constroem e utilizam para orientar-se nas cidades são compostos por cinco elementos essenciais e constantes, como vias, limites, bairros, nós e marcos. Desta forma, com um modelo de estudo prático por meio de orientação e percepção, avaliam-se as informações que as pessoas constroem da cidade, conforme a vivenciam e utilizam os seus espaços.

Cullen (1996), ainda que estabeleça um diferente conceito, apresenta similaridade em nível teórico com seu estudo da Paisagem Urbana, onde busca compreender e analisar os processos que influenciam na percepção da imagem urbana, além de ressaltar a importância e compreender as dinâmicas que impulsionam o processo de transformação da imagem da cidade e da paisagem urbana. Cullen (1996) defende que a maneira como os elementos urbanos são organizados, desempenha um papel de interação, fomenta a percepção e a construção de novos ambientes, mais significativos, reconhecíveis e vivos.

Outros estudos, como de Chawla e Driskell (2008), Gillespie (2010), Lopes (2017), Çubukçu et al. (2018), têm concentrado e discutido amplamente a relação entre as crianças e o espaço que vivem, de forma que seja possível criar melhores ambientes para elas. Esses estudos concluíram que as crianças percebem o espaço e habitam de forma diferente do que os adultos, o que resulta em diferentes experiências e necessidades, [...] e quando esses espaços não atendem suas necessidades, o resultado é uma cidade da exclusão (Chawla, 1997, p.249).

Os desenhos têm sido constantemente usados para entender a percepção (Gillespie, 2010, p.18; Larsen e Harrington, 2016, p.88; Çubukçu et al., 2018, p.862), permitindo que a coleta de informações através da avaliação de desenhos seja rápida e eficiente. Desenhar elimina as

barreiras linguísticas e revela algo das imagens dentro das mentes das crianças (Chambers, 1983 apud Barraza, 1999, P.49)

A partir dos desenhos outros quatro elementos do espaço urbano são observados, não como características distintas, mas como realce da matéria que compõe a imagem urbana. Ao contrário dos Nós e dos Bairros que são componentes conceituais, na escala do indivíduo, Edificações, Infraestrutura, Parques e Praças e a Paisagem são elementos espaciais concretos identificados nos desenhos das crianças. Esses quatro elementos representam uma definição significativa da experiência urbana, apresentando uma correlação simbólica dos espaços, trazendo um novo significado, que reconfigura a imagem da cidade para cada criança.

## **1.2. OBJETIVO**

Para Kevin Lynch (1977) o planejamento urbano necessita ir além da função e da estética das cidades e deve buscar compreensão sobre como as pessoas habitam, atuam e respondem a seus ambientes. Derr, Corona, & Gülgönen (2017) afirmam que as crianças não apenas têm a capacidade de refletir sobre os problemas que enfrentam, mas também sobre o direito de desempenhar um papel ativo na transformação de seu entorno.

Face à relevância da temática, o objetivo desta dissertação é apresentar uma análise das experiências significativas dos ambientes das crianças em comunidades de diferentes realidades e graus de urbanização, olhando para suas percepções, dadas as suas vivências nas cidades que habitam e nos espaços que utilizam.

Assim, pretende-se aprofundar o objeto de trabalho e suas particularidades, identificando os elementos que compõem a cidade e a percepção, no modo geral, das crianças, através de uma pesquisa participativa. Especificamente, busca-se responder às seguintes perguntas:

- Qual a percepção das crianças perante a cidade?
- Quais os elementos significativos da cidade para as crianças?
- Em um sentido espacial, o que significa cidade para as crianças?
- O que a cidade proporciona às crianças?

A fim de fornecer respostas a estas perguntas estabelece-se um método para análise da percepção e coleta de informações, que será visto a seguir.

### 1.3. MÉTODO

O presente estudo é baseado em exercícios desenvolvidos com 182 crianças, entre 7 e 10 anos de idade, de oito escolas localizadas em sete cidades. Duas escolas na cidade do Porto, uma escola na cidade de Winnersh, na Inglaterra, uma escola em Brno, na República Tcheca, e uma escola na cidade de Barcelona, em Espanha. Duas escolas no Brasil, localizadas na cidade de Niterói e em Bom Jesus do Itabapoana. Uma escola no continente africano, na cidade de Boane, em Moçambique.

Seguindo estudos similares (Gillespie, 2010; Çubukçu et al. 2018), as crianças foram convidadas a desenhar, livremente a cidade onde moravam. Deveriam representar da forma mais natural a primeira imagem que surgia sobre a cidade.

O uso de desenhos para fins de avaliação é uma ferramenta poderosa, uma vez que a maioria das crianças tendem a gostar de desenhar sem mostrar qualquer sinal de tensão (Farokhi, Hashemi, 2011, p.1).

Procurou-se diversificar as escalas das cidades para que fosse possível captar diferentes percepções. A escolha das cidades foi pensada em função das suas escalas e da facilidade de contato que reduzisse o processo burocrático, atendendo às limitações de tempo impostas a este exercício de investigação no âmbito acadêmico.

O exercício exploratório foi aplicado em uma única sessão em cada escola, e o tempo de duração foi cerca de uma hora. As sessões ocorreram entre julho de 2018 e abril de 2019.

Tendo em vista a heterogeneidade de situações que compreende o espaço de aplicação da pesquisa, também foi considerado necessário um tratamento do objeto de estudo sob uma perspectiva holística, pela qual serão contemplados aspectos teóricos - para possibilitar a construção pragmática da pesquisa - que implicam na utilização dos métodos dedutivo e indutivo com as respectivas contribuições de procedimentos técnicos.

Buscando também oferecer às crianças uma liberdade no desenvolvimento dos desenhos, uma abordagem qualitativa foi julgada a mais apropriada, levando em consideração o tempo e a disponibilidade que as escolas proporcionavam. Conforme mencionado por Cope e Elwood (2009, p.47), o método qualitativo na investigação da percepção do ambiente é essencial para obter uma compreensão dos fenômenos que acontecem em uma escala local. O conhecimento local permite uma maior exploração das experiências dos diferentes indivíduos, oferecendo ricas informações contextuais e explicações referentes às interações das pessoas com seu espaço.

Para realizar a pesquisa é necessário considerar a percepção direta dos fenômenos e suas origens, [...] podendo enfatizar características e potencialidades, qualificando a importância do processo de melhorias apropriadas ao setor, do qual podem ser os beneficiários. Os modelos qualitativos são necessários para melhorar a compreensão de como “as crianças” expressam um senso de lugar. (Larsen e Harrington, 2016, p.99)

Para alcançar os objetivos da pesquisa proposta para o estudo desenvolve-se uma abordagem qualitativa, como mencionado anteriormente, para evidenciar os indicadores e funcionamentos complexos de estruturas e organizações, proporcionando novas descobertas e vertentes para a pesquisa. As situações indicativas de procedimentos quantitativos serão conduzidas com emprego de técnicas específicas dessa abordagem.

Para isso, foram desenvolvidos os seguintes procedimentos metodológicos:

Primeiramente, foi desenvolvido um levantamento e estudo bibliográfico relacionado com a problemática e o objeto de estudo, como livros, artigos, textos, revistas, monografias e teses, assim como escolha de autores que possam contribuir na construção do objeto de conhecimento. Segundo, foi realizado o levantamento e análise de materiais cartográficos das respectivas cidades, como mapas, imagens de satélite e fotografias.

Terceiro, foi elaborado um exercício na forma de desenhos, os quais as crianças pudessem desenvolver, e que fosse possível coletar dados e avaliar a percepção dessas quanto aos elementos visuais do espaço urbano.

Por último, foi feita a interpretação dos desenhos coletados, de modo a encontrar características nas imagens que pudessem ser diferenciadas e associadas em categorias qualitativas, conforme os parâmetros e componentes categorizado de Lynch (1997), Gillespie (2010), Larsen e Harrington (2016), e Çubukçu et al. (2018).

Vale salientar, que a pesquisa incide sobre a percepção da estrutura da imagem da cidade em toda sua espacialidade e escala, e não sobre a estrutura das próprias cidades, como elementos singulares habitados e usados.

#### **1.4. ESTRUTURA**

A dissertação proposta, primeiramente de carácter exploratório, estrutura-se em 2 partes, às quais antecede esse capítulo introdutório e adiante a conclusão, como estruturação final deste trabalho.

Neste capítulo, busca-se uma reflexão inicial em torno da pesquisa, além de destacar a importância da ação do processo de percepção da imagem da cidade.

No Capítulo 2, será apresentada uma revisão de literatura, onde desenvolve-se uma síntese de conceitos sobre a Cidade, a Paisagem e a Imagem Urbana, baseado em autores como Kevin Lynch e Gordon Cullen, essenciais para a compreensão do espaço e para a construção da imagem da cidade. Diversos outros autores, de diferentes disciplinas são referenciados para suporte desta pesquisa. O conceito de percepção será tratado em sequência. Embora seja abordada de diversas formas, diferentes métodos e princípios, a percepção será delimitada, no sentido da construção da imagem e dos elementos da legibilidade.

Para melhor compreensão e enriquecimento da pesquisa, alguns conteúdos sociais, ambientais e espaciais são abordados, para melhor condução da observação e da análise da percepção, como na construção de características associadas à imagem da cidade.

O Capítulo 3, contempla o estudo de caso, que será exibido em três fases. Primeiramente, é apresentado um panorama do exercício proposto, bem como as razões e limitações da pesquisa desenvolvida com as crianças. Além disso, fornece uma perspectiva geral das escolas e cidades, do carácter cultural e geográfico, onde os exercícios foram aplicados. Na segunda fase, desenvolve-se uma análise interpretativa dos desenhos, onde identifica-se padrões e características, cruzando os dados com a revisão de literatura, onde os elementos que são relevantes na orientação da percepção das crianças, de um modo geral, serão registrados. Na terceira e última fase, situam-se os resultados, onde as informações são compiladas e abordadas como um todo, apresentando o processo da interseção de conhecimentos obtidos a partir da leitura das percepções das crianças, no meio cultural e de acordo com as experiências com a cidade.

No último capítulo, apresentam-se as conclusões da pesquisa, baseadas nas reflexões do resultado e da literatura, identificação de qualidades positivas e negativas, bem como, recomendações para planos futuros no intuito de aprimorar e disseminar esta pesquisa exploratória.

# 2

## REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. O ASPECTO DA IMAGEM URBANA

A proposta desse capítulo é abordar parâmetros críticos da cidade e clarificar as apostas intelectuais de debates contemporâneos sobre a cidade, a paisagem e imagem urbana, para então compreender o processo de percepção e influência da construção mental da imagem da cidade.

### 2.2. A CIDADE: UMA QUESTÃO EPISTOMOLÓGICA

O aspecto da cidade e sua história são longas. Ao longo do tempo, as cidades têm funcionado como espaço de relação, onde os habitantes têm a necessidade de organizar, comunicar e relacionar entre os mesmos. As atuais necessidade, facilidades, valores e desejos dos habitantes, conforme apontado por Cullen (1996, p.9), faz com que a maioria das pessoas prefiram viver em comunidade a viverem isoladas.

As cidades contemporâneas estão cada vez mais fluidas e aceleradas, e a rotina diversificada tem feito as pessoas criarem e recriarem novos espaços multi-experienciais, modificando o aspecto, forma e função visual, desse modo, multiplicando a imagem da cidade.

Encontram-se vários termos na literatura para definir cidade e suas relações, muitos conceitos têm sido apresentados, sendo analisados com diferentes focos por diversas áreas de conhecimento.

Efetivamente, todos nós sabemos o que é uma cidade, mesmo que seja difícil defini-la.

A cidade apresenta um panorama que se altera ou se transforma em um processo constante. Nesse dinamismo urbano criam-se lugares que muitas vezes não são pertinentes para viver. Gehl (2010, p.9) afirma que “nós moldamos as cidades, e elas nos moldam”. Nesse pensamento, nós engenhosamente manipulamos a cidade conforme nossas necessidades, como afirma Corbusier (2000), para morar, circular e trabalhar.

A cidade não é apenas um objeto perceptível, mas um produto de muitos construtores que estão constantemente modificando a estrutura por razões particulares. (Lynch, 1997, p.12)

A cidade que conhecemos hoje, como Benévolo explica, utilizava-se do espaço fornecido pela natureza, fazendo nele alterações superficiais que criariam o ambiente construído.

No livro *A Imagem da Cidade*, Lynch (1997) em uma das suas definições para cidade, descreve como um acontecimento que vai além da relação entre “espaço construído e o homem, que envolve em uma relação social” na composição da sociedade. Tende a uma escala de análise e atuação na cidade que abranja a compreensão e o olhar do homem, o jeito que ele lê, sente, compreende e lida com o espaço da cidade e seus elementos.

As cidades, assim como as pessoas, possuem uma habilidade para crescer e se transformar constantemente, de acordo com as novas necessidades que vão surgindo. Esse crescimento, que antes era involuntário (sem instrumento de gestão territorial) hoje é cada vez mais planejado e legislado, fazendo com que se renove e surjam novas funções urbanas.

Beirão (2012, p.23), menciona que as cidades são sistemas dinâmicos, com características espaciais e sociais de resultados de vários fatores relacionados com o que é construído.

Burgess (1970, p.85) utilizou a metáfora “metabolismo” para descrever as particularidades das cidades e seus sistemas. Burgess (1970) propôs assimilar a cidade como um organismo, descrevendo um sistema urbano onde as pessoas e suas relações sociais circulam, integram e desintegram como um processo metabólico contínuo.

A cidade, para Aldo Rossi (2001), corresponde à maneira como se organiza e se articula a sua arquitetura, que nesse contexto, a arquitetura não pode ser entendida exceto como um elemento da cidade, como um “acontecimento submerso num sistema complexo” de relações com o espaço urbanizado (Lamas, 2000, p.41). Esses espaços urbanos, todavia, são formados por elementos semelhantes, como ruas, praças, edifícios, vias, monumentos, o que difere é a organização, articulação e posicionamento entre si, na constituição da cidade. Para tal, Lynch (1997) refere que os elementos que compõem essa estrutura física da cidade, são tão importantes quanto os habitantes e suas atividades. De todo modo, Lamas (2000, p.44), afirma que a construção da cidade, em toda a complexidade do ambiente humano, exige múltiplos conhecimentos e a ação de indivíduos com um conjunto de saberes, que se tornam executantes de uma vontade coletiva.

Tuan (1980) considera as cidades como artefatos e mundos artificiais, colocados a distâncias variáveis das condições humanas próximas à natureza, sendo que quanto mais nos distanciamos do domínio e das circunstâncias da natureza, mais urbanos nos transformamos.

Para Lefebvre (1991, p.22), a população da cidade é que confere ritmos à mesma, mediante a apropriação do espaço urbano, deste modo, ‘inventam-no’ e ‘imprimem-lhe’ transformações, tornando a cidade palco de interações complexas.

As cidades mesmo quando planejadas, evoluem de forma que é difícil prever, sendo um problema recorrente nas complexas teorias das cidades. Apesar de uma série de premissas e propósitos, alguns críticos associam a cidade contemporânea à dispersão, fragmentação, desordem, caos, ambiguidade, incerteza e vazio (Jacobs, 2000; Koolhaas, 2002; Lynch e Blas, 2009; Wachsmuth, 2016). As cidades são um imenso laboratório de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. (Jacobs, 2003, p.5)

Desta forma, se faz necessário repensar a cidade, tendo como objeto o fortalecimento e o entendimento do espaço urbana, assim, o desenvolvimento de uma cidade confere também na sua reconstrução com novas formas e métodos, muitas vezes renegando ao passado com o intuito de ser moderno para atender as necessidades e os novos estilos de vida (Bonametti, 2004, p.110).

David Wachsmuth afirma que o conceito e modelo para cidade tradicional esteja desatualizado:

[...] é um conceito que medeia a experiência cotidiana dos processos de urbanização que são demasiado complexas para percebermos diretamente. Seria sem sentido e formalista sugerir que há uma representação massa de relação das pessoas com os processos de urbanização que experimentam. Mas, no contexto do contemporâneo, o conjunto histórico-geográfica que herdou tanto a tradição intelectual da cidade tradicional e as formas urbanas que inspiraram, devemos procurar razões por que algo como a cidade tradicional continua a ser uma plausível representação dos processos de urbanização que tenham ultrapassado. (Wachsmuth, 2016, p.79, tradução nossa)

A ideia de (...) “cidade como sendo igual e diferente, singular e múltipla, homogênea e heterogênea, submissa e agente, institucional e vernacular”, (...) “não pode ser imaginada - ou constituída - através de estrutura fixa, por está constantemente sendo feita e desfeita ao mesmo tempo.” (Tripathy, 2018, p.235)

Para Alves (2003, p.15), a cidade é visualizada como uma paisagem aberta na qual são introduzidos os edifícios como objetos tridimensionais, peças escultóricas num território organizado. Como tal, Rossi (2001) *Na Arquitetura da Cidade*, equipara a construção da cidade no tempo, sem omitir o elemento arquitetônico, compreendido não como algo particular e fragmentado, mas bem como uma estrutura da “vida coletiva” do homem na cidade.

Como apresentado por Matos (2010, p.17), a cidade é um espaço construído, constituído por espaços públicos, abertos a todos e espaços privados, de acessibilidade limitada. Na maioria das cidades os espaços privados ocupam uma parte significativa.

Bem, não cabe a esse trabalho, aprofundar a tal ponto, por tratar que a cidade possui inúmeras definições, e que dependerá do sentido dado por seus habitantes, pois cada um tem uma forma de compreender e idealizar a cidade, e dessa forma, participar na sua construção.

### **2.3 A PAISAGEM URBANA: O ELEMENTO DE PERCEPÇÃO**

Mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades e, com elas, as paisagens. (Domingues, 2001, p.62)

O conceito da paisagem como o conceito da cidade é muito amplo, (...) “vem sofrendo alterações com o decorrer dos anos influenciado pelas necessidades das sociedades” (Ferraz, 2017, p.1), e sendo aplicado em diversas áreas. É um conceito que está relacionado com a percepção, o olhar. Entretanto, a paisagem também está relacionada ao comportamento e padrões espaciais, para tal, Cullen (1996, p.13) a paisagem é a arte de tornar coerente e organizado, visualmente, o emaranhado de edifícios, ruas e espaços que constituem o ambiente urbano.

O termo paisagem é polissêmico, às vezes com terminologias de usos duvidosos ou inapropriados. Mediante a base teórica que em diversos momentos não esclarecem alguns aspectos da paisagem, neste capítulo será abordado definições da paisagem urbana, do ponto vista dos autores como Lynch (1997) e Cullen (1996), entre outros.

A paisagem urbana para Lynch (1997) e Cullen (1996) é relacionada a perspectiva das pessoas, como fragmentos de imagens que compõem novos panoramas, que são formadas por uma série de sensações, que (...) “não devem ser lidas somente por meio daquilo que vemos, mas também

por meio daquilo com que nos identificamos; por meio daquilo que não conseguimos ver, mas sentimos” (Bonametti, 2004, p.108) desta forma, cada indivíduo cria sua própria imagem.

Ainda Bonametti (2004, p.109),

[...] ao chegar a uma cidade, as primeiras impressões que se têm das edificações, das praças, das vegetações, ainda da luz, dos sons e até do ar, no qual paira a poeira de suas ruas, são indícios para se obter um verdadeiro quadro dos lugares. (Bonametti, 2004, p.109)

Conforme Kiyotani (2014, p.29) paisagem tem a ver com sentimento, com a visão interior que cada ser tem de si mesmo, ou do lugar que vive, ou dos sonhos que possui. Para Peixoto (1996) os limites para paisagem são indefinidos, não tem localização, hierarquia ou centro. Além disso, é um lugar desprovido de situação, não tem limites nem medidas, não tem interior nem exterior, nela não se está dentro nem fora. É tráfego contínuo de interesses, de paixões e de pensamentos (Peixoto, 1996, p.31).

A paisagem para Amorim e Coccozza (2016, p.85) reflete a forma urbana e a cultura da população, do modo como as pessoas constroem, sendo [...] a paisagem o reflexo do processo social, dos bairros que se formam, das pessoas que se mudam, da economia que se desenvolve modificando o comércio, instalando novas indústrias e quem sabe até bairros industriais, gerando renda para urbanização de novas áreas ou a verticalização de outras.

A paisagem se distingue, portanto, pelo papel da percepção visual e pelo lugar do homem, enquanto ator, mas igualmente espectador (Passos, 2013, p.69).

Moraes (2014, p.19) relaciona a paisagem a uma experiência territorial e geográfica, definida como lugar, num sentido pragmático e instrumental.

Socialmente, a procura da `paisagem`, dos `lugares`, do `patrimônio` vivido ou percebido, desdobra-se numa heterogeneidade de conteúdos e significações por vezes vagas e contraditórias. Percebe-se, no ruído do fundo, uma vontade de reconstituir uma identidade e um enraizamento local, uma defesa de valores naturais e ecológicos, uma necessidade de qualificar o quadro de vida quotidiano, mas também de chamar a atenção sobre patrimônios e lugares excepcionais. (Domingues, 2001, p.62)

A paisagem pode ser compreendida como produto de relações entre elementos de origem natural e cultural, onde Maximiano (2004, p.87) descreve que a paisagem natural é um ambiente que [...] existe sem o ser humano, mas que passa a ser alterado por ele, e o conteúdo cultural [...] é a marca da existência humana em uma área, “onde” o elemento que, “atua” sobre o meio natural, resulta na paisagem cultural. Ainda, segundo Maximiano (2004, p.90), esses elementos [paisagem natural e cultural] se estabelecem de forma dinamicamente, ao longo do tempo e do espaço.

Para o autor Mascaró (2008) a paisagem é qualquer espaço aberto que se abrange com um só olhar, podendo ser um conjunto de elementos naturais e ou artificiais. Da mesma forma, Valques (2008, p.58) relaciona a paisagem à elementos naturais e artificiais. A autor caracteriza como agentes artificiais aqueles elementos, estranhos ao meio ambiente, por conseguinte, produzidos pelo homem. Já os elementos naturais, basicamente como sendo fenômenos da natureza.

Para Tuan a paisagem é uma composição de fatores naturais e humanos [...] em uma perspectiva grosseira; os elementos naturais são estruturados de tal forma que proporcionam um ambiente apropriado para a atividade humana (Tuan,1980, p.140). Assim, a paisagem é tratada de uma união da qualidade física do espaço que é significativa para o homem, e da forma como ele utiliza esse espaço (Sauer, 1998, p.29).

A paisagem urbana é “viva” e “composta por uma gama de pequenos elementos”, todos estes elementos juntos dão suporte para criar uma paisagem de qualidade. (Jacobs, 2000, p.106; Costa e Trindade, 2017, p.2)

Os Smithsons (1993) tratam a rua como um elemento substancial na composição da paisagem urbana, onde “o sentimento de segurança e relações sociais em muito se devem à forma óbvia, ordenada e simples da forma das ruas” (1993, p.6). A rua na qualidade do espaço de ocupação social e reflexo da comunidade, sendo a arquitetura o meio responsável para a sua existência na paisagem urbana.

A análise da Paisagem Urbana de Gordon Cullen é um dos conceitos mais disseminados como mecanismos de avaliação dos espaços urbanos. Cullen (1996) refere se a paisagem urbana como organização visual de todos os espaços que existem no ambiente urbano, onde o habitante deve viver a cidade, identificar o espaço e tornar legível através de três elementos, o ótico, local e conteúdo.

O elemento ótico, Cullen (1996, p.14) relaciona à visão serial sendo formado pela percepção segmentada dos espaços, onde os elementos da cidade vistos de diferentes percursos e pontos de vista, podem gerar surpresas e impactos emocionais nas pessoas. Nas palavras de Cullen (1996, p.11), embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas.

Local é o segundo elemento que está relacionado às reações das pessoas perante a sua posição no espaço, em outras palavras, chamado de sentido de localização. Compreende a uma forma de percepção conectada a uma ordem de experiências ligadas à sensações fomentadas por espaços abertos e fechados, que mostra a noção de entendimento com o meio.

Sendo o elemento Conteúdo, relacionado a construção e característica da cidade, como os materiais, a textura, a cor, o estilo, a escala, a sua natureza, sua personalidade, e tudo que a diferencie. Em circunstâncias gerais, a forma da cidade é um processo de constante transformação, onde os elementos se misturam no ambiente, construindo novas imagens.

O estudo da paisagem, também teve relevância com Kevin Lynch (1997), segundo o autor a paisagem urbana é um produto de muitos construtores que, nunca deixam de modificar sua estrutura. Lynch classifica a paisagem urbana como imagem da cidade, onde a cidade é uma construção no espaço, porém, em grande escala, que só entendida no decorrer do tempo. Conforme suas análises, para entendimento da paisagem urbana, Lynch classifica através da Imaginabilidade, Legibilidade, Estrutura e Identidade.

A nível teórico, Lynch e Cullen, apresentam semelhanças conceituais e na abordagem dos elementos, embora visto por outras perspectivas. No capítulo seguinte, será abordado o pormenor de definição da Imagem da Cidade, como as características aqui mencionadas.

## **2.4 IMAGEM URBANA**

No seguimento de assegurar o conceito e o uso da Imagem Urbana, procura se neste capítulo discernir e estruturar a base teórica em referências como a Imagem da Cidade de Kevin Lynch.

As imagens Urbanas são formadas pela integração de inúmeros elementos separados, mas que juntos exercem um papel importante na relação homem e espaço (Lynch, 1960, Tuan, 1978; Cullen, 1983). Ou seja, a imagem são representações mentais, “que abrangem todo o valor vivido e construído pelo homem” (Rossi, 2001, p.121)

De acordo com Clos (2015, p.8), as ruas e espaços públicos são definidores da imagem urbana, e estes devem estar bem conectados entre si de forma a proporcionar uma maior e mais harmônica interação entre esses espaços.

Em 1960, o conceito de imagem urbana surge no panorama do planejamento urbano, com a obra *A Imagem da Cidade*, sendo inserido para responder a perda da escala humana, a manipulação dos espaços urbanos e os efeitos devastadores do modernismo.

O livro de Lynch relata um estudo de três cidades norte americanas com diferentes paisagens e diferentes comportamentos - Nova Jersey, Boston e Los Angeles, tendo como base entrevistas com os moradores, que tentam apontar como eles constroem a “imagem ambiental” e como se relacionam com o meio. *A Imagem da Cidade* contribui para a compreensão e a sistematização da importância que a imagem tem diante a cidade e as várias percepções e significados que os habitantes possuem perante essas realidades.

Através da análise de Lynch e a interpretação da qualidade visual urbana apresentada pelos moradores, o autor identifica como as pessoas se orientam, incorporando a ideia de mapas mentais.

Ao trabalhar com o conceito de imagem ambiental, Lynch, apresentou três componentes principais: a identidade, estrutura e significado.

A proficiência de uma imagem, reflete na identificação de um objeto, como componente separado, único, distinguível de outros elementos, nesse sentido da particularidade ou individualidade que se aplica a expressão identidade. A estrutura de um ambiente é apoiada na relação espacial dos elementos físicos com o observador e com outros objetos. Por último, um ambiente legível faz com que o observador atribua significados práticos e emocionais aos elementos a sua volta, proporcionando uma relação estrutural ou espacial, diferente.

Para Cullen (1996) os ambientes urbanos legíveis são criados através de uma série de espaços relacionados, onde o observador compõe uma relação com a cidade, “evocando memórias e experiências, essas emoções sensíveis dentro de nós” na qual são constituídas ao longo da vida.

Lynch (1997, p.13) concentra-se no conceito da Legibilidade, que é apresentado como “Facilidade com que partes das cidades podem ser reconhecidas e organizadas em um padrão coerente”, isto é, uma cidade legível é aquela onde os elementos da paisagem são facilmente identificados e agrupados, considerando uma aparente clareza e leitura do espaço da cidade.

Essa qualidade visual, ele defende como crucial, mas não única para estruturação da cidade, não apenas para compreensão, mas para a composição coerente da imagem mental.

Na construção dessa imagem mental urbana, Lynch propõe olhar de perto as qualidades físicas relacionada com a estrutura e identidade de uma cidade, na qual ele chama de Imaginabilidade, “aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador”, ou seja, é a capacidade dos elementos de apresentarem fortes e definidos significados, na qual fornece a cada indivíduo uma imagem própria e única.

Os tais elementos fortes, estão claramente ligados entre si e perceptíveis inconscientemente na imagem da cidade, são classificados por cinco elementos: vias, limites, bairros, marcos e nós. Esses elementos fisicamente e culturalmente no espaço, afetam a forma como percebemos, legibilidade, e concebemos o significado de lugar, imaginabilidade.

Após esse breve apanhado sobre a imagem da cidade, o próximo capítulo concentra na definição dos conceitos da legibilidade, imaginabilidade e a sistematização dos aspectos da imagem urbana, os cinco elementos, que serão tratados minuciosamente, por se tratar de componentes importantes na interpretação e composição da pesquisa.

#### 2.4.1 IMAGINABILIDADE E LEGIBILIDADE

Uma cidade intensamente caracterizável tem que conceber um significado e ser perceptível para seus habitantes. Desta forma, pode ser bastante diferente o conteúdo imaginabilidade e legibilidade quando se menciona e evidencia uma imagem mental. A legibilidade pode ser sintetizada como a clareza de elementos urbanos e perceptível como um todo, logo, um ambiente legível que permita às pessoas a se orientarem no espaço. Em contrapartida, a imaginabilidade é uma peculiaridade desse espaço urbano que cria um senso de lugar, que aumenta o sentido, entendido como:

“aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente.” (Lynch, 1996, p.20)

Assim, Lynch destaca a imaginabilidade e a define como uma camada de qualidade para despertar atração em qualquer observador em questão. É por isso que uma cidade muito imaginável surgirá, nesse espírito específico, bem formada e perceptível, incentivando assim

os olhos e ouvidos para uma maior atenção, e permitindo um entendimento mais simplificado, ao mesmo tempo que amplia e aprofunda.

A relação homem e cidade trata-se de um elemento importante na utilização dos espaços, que gera informações para composição da imaginabilidade mais aprofundada. Essa interação pessoas e cidades ajudam a repensar em como as cidades são representadas, e essas representações claras são definidas por legibilidade. O indivíduo necessita interpretar o meio em que está em busca de referências e orientações, o que colabora na construção da percepção do espaço. Um ambiente com boa legibilidade é um ambiente que proporciona uma leitura imediata do lugar, tornando distinguível instantaneamente pelas pessoas.

[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível. (Lynch, 1997, p.102)

O conceito de imaginabilidade estará conectado ao conceito legibilidade, uma vez que imagens fortes aumentam a viabilidade de construir uma visão objetiva e estruturada da cidade.

A nossa capacidade de visualizar e ler a cidade só é possível através das nossas projeções acumuladas de representações, uma imaginária construída de múltiplas imagens, embora as pessoas possuam uma forma particular de captar e estruturar a cidade mentalmente, as representações individuais só serão possíveis com o contato e vivência com a cidade e os espaços urbanos.

Em outras palavras, as imagens urbanas são adquiridas com base em um processo entre o observador e o seu ambiente, por isso uma determinada imagem ou realidade varia significativamente entre diversos observadores.

O lugar e o observador devem possuir uma relação da qual o observador é o elemento ativo deste lugar. Nem todos os observadores dispõem de níveis similares de percepção do mesmo lugar. Entretanto, importante destacar que o indivíduo observador desempenha um papel determinante na percepção do mundo e tem uma atuação relevante no desenvolvimento da imagem desse lugar.

#### 2.4.2 ELEMENTOS DE LEGIBILIDADE E IMAGINABILIDADE

A qualidade visual do ambiente urbano, na teoria de Lynch, relaciona-se com os elementos físicos da cidade e a imagem mental de seus usuários.

Para investigar esse assunto e a ideia de imagem urbana, é proposto analisar mais de perto para as particularidades e propriedades que compõem a imagem urbana. A construção de uma imagem urbana ou mapa mental é uma função de memória, em uma dada realidade, demonstra variações consideráveis de um observador para o outro, como mencionado no capítulo anterior. Contudo, pode existir um grande assentimento nestas imagens, quando avaliam os observadores associados por sexo, idade, profissão, cultura, concordância esta que necessita da especificidade ou conhecimento do objeto a que remete-se tais imagens. Os usuários percebem um ambiente urbano em sua fragmentação em elementos e padrões. As qualidades visuais de alguns elementos e características são usadas como princípios no processo de deslocamento do espaço urbano. Na investigação dos efeitos dos elementos físicos e perceptíveis, Lynch (1997) identifica elementos similares que as pessoas utilizam para se orientarem fisicamente e socialmente, e ainda estruturarem a imagem da cidade, sendo esses elementos: vias, limites, bairros, nós e marcos, dos quais assim podem ser definidos:

##### 2.4.2.1 Vias

São como ruas, estradas, passeios, passagens, rios, vias férreas, etc., são circulações ao longo dos quais o observador costuma se deslocar frequentemente ou eventualmente. Representam aos vários percursos que o observador relaciona à imagem dos lugares, proporcionar linhas de relações entre dois lugares. As vias são relevantes elementos para orientação e de sentido de organização, dominantes na paisagem urbana, dispendo com outros elementos ao longo desta, uma relação entre si. Qualidades espaciais aumentam a imaginabilidade das vias, por exemplo “ruas quer muito largos, quer muito estreitos, atraem as atenções” (Lynch, 1997, p.62)

Outros componentes também qualificam as vias, como as edificações na composição da identidade das ruas, principalmente havendo uma concentração de atividades e usos, como ruas extremamente comerciais ou conjunto de fachadas que diferenciam de outras ruas. Como apontado por Lozano (1990), nas vias devem existir uma ideal semelhança e diversidade para evitar a monotonia e confusão.

As proximidades de lugares especiais na cidade influenciam na imagem, na facilidade de reconhecimento, como aumenta o senso de lugar. Como as pessoas notam a cidade enquanto

movem pelas vias, os mesmos constroem suas experiências, como também compõem os outros elementos da imagem da cidade.

O deslocamento no meio urbano são os principais pontos focais para Cullen (1996), conforme ele menciona, uma cidade e seus elementos são percebidos a partir do nível da rua. Igualmente, Jane Jacobs (2000) olhou para as cidades a partir das ruas. Diferente de Cullen e Lynch, a autora se concentrou nas questões de vida e de segurança em ruas urbanas além do lado imaginário das cidades. Para Jacobs (2000) e Clos (2015) a imagem da cidade resume se aos caminhos da cidade, desta forma, definem que a imagem da rua é a imagem da cidade.

#### 2.4.2.2 Limites

Pode ser classificado como barreiras físicas naturais como praias, rios, lagos, montanhas, ou elementos edificados como estradas, vias, viadutos, linhas de infraestrutura, muros. Podendo ser definidos ou indefinidos, mais ou menos penetráveis.

Os usuários não consideram ou não utilizam como caminhos, não sendo tão preponderante quanto às vias. Entretanto, os limites igualmente possuem qualidades, podendo ser visualizado como direcionais, que propiciam e fortalecem a ideia de sentido do movimento, ao lado de um rio, por exemplo, onde sempre tem a noção em qual direção está se deslocando.

Além disso, pode se visto como fronteira, entre dois bairros limites, como elemento visualmente contínuos que criam rupturas e descontinuidade do espaço, favorecendo a segmentação onde isolam um lugar do outro, impossibilitando ou dificultando a permeabilidade, o deslocamento e conseqüentemente prejudicando a visão do espaço urbano.

Os limites também podem ser linhas edificadas ou imagens visuais que normalmente se apresentam em uma linha contínua, impenetráveis ao movimento, mas parte da unidade.

Conforme mencionado por Mascaró (2008), os limites são elementos que exercem a função de proteção e envolvimento, que inibe e protege o usuário e podem ser cercas vivas, muros, a própria topografia e os gradis.

Na descrição de Steves (2009, p.808), “os limites no espaço urbano nem sempre são fixos ou absolutos, e as pessoas gostam de se testar contra eles”, experimentar, por exemplo em espetáculos públicos onde atores e espectadores são separados, por cordas, barricadas ou uma linha riscado no piso, atitudes lúdicas que reformulam e redefinem o espaço que às vezes ultrapassam esses limites.

#### 2.4.2.3 Bairros

São áreas citadinas relativamente grandes, em que o observador pode penetrar mentalmente, e que tem alguns aspectos comuns, (...) podem servir de ponto

de referência externo, quando alguém por eles passa ou os atravessa. (Lynch, 1997, p.78)

As formas fechadas inclinam-se a ser compreendida como um todo, tendo uma identidade perceptível, ou melhor, eles devem ser legíveis entre outros elementos. Pode se dizer, em outras palavras, que a cidade é um grande bairro que é formado por outros pequenos bairros. Tal como a cidade deve ser legível, sua estrutura deve dispor de uma certa ordem, ou seja, de hierarquia. Desta forma, os bairros precisam de referências bem definidas, para mais, deve ter um padrão legível dentro de sua área delimitada.

Encontra-se no interior dos bairros, diversos componentes, como “textura, espaço, forma, detalhes, símbolos, tipo de edifícios, costumes, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia” (Lynch, 1997, p.79). Por vezes, essas componentes, como as fachadas das edificações com uma uniformidade de materiais e cores, ou a largura das vias, em composição ou não com essas ou outras componentes, tornam o bairro mais identificável. Essas componentes ou conjuntos de padrões urbanos, Cullen (1996, p.29) denomina como “unidades urbanas”.

Como citado anteriormente, um lugar deve fornecer o sentido de orientação e senso de lugar para ser considerado legível e imaginável, desta forma, o elemento bairro demonstra uma variedade de percepções, muitas das quais são socialmente ligados a produtos de experiências e não apenas aos fatos visíveis. Lynch (1997) especifica que os elementos – marcos, vias, limites e nós - dentro do bairro, não apenas estruturam o lugar, como também intensifica a identidade como um todo. Ainda sugere que a presença de um limite é de suma importância na identidade espacial de um bairro, embora visivelmente as fronteiras nos bairros possam ser pouco perceptível para algumas pessoas. Conforme Tuan (1980, p.243), um bairro bem definido de acordo com as suas características físicas, pode não ter realidade para os habitantes locais. Pode ser profundamente confuso e de características variáveis o mesmo local, entre os pequenos grupos que vivem muito próximos.

#### 2.4.2.4 Nós

Os Nós podem ser caracterizados como pontos estratégicos nas cidades, onde devem fornecer informações variadas para ajudar na orientação física e imaginária da cidade. Além disso, essas variedades de informações ou de elementos físicos devem conter uma ordem para aumentar o senso de lugar.

Os Nós, em geral, são acompanhados por outros elementos da legibilidade, como os marcos que transformam os nós em pontos de atenção. A convergência de vias, gera um tipo de nó, sendo característica importantes para a cidade, onde “as pessoas reforçam sua atenção”, “percebem os elementos que a circundam”, “para tomada de decisões quanto a direção.” (Lynch, 1997, p.84)

Os Nós podem ser locais de conexão com meios de transporte – terminais de autocarro, metro - ou locais de passagem de uma estrutura para outra, como também, um simples ponto de concentração, porém com características definidas ou com intensidades funcionais, como uma praça ou jardim.

Dependendo da função da escala na qual a cidade está sendo analisada ou observada, os nós podem ser praças, vias ou esquinas dentro de um bairro, como o bairro pode ser um nó dentro de uma cidade. Até mesmo toda a cidade poderá ser um nó de conexão com outras cidades dentro de uma região.

#### 2.4.2.5 Marcos

São os elementos específicos que identificam o lugar pela sua singularidade. “funcionam como indicações absolutamente seguras do caminho a seguir” (Lynch, 1996, p.90). Isso é o mesmo que ponto focal, onde Cullen (1996, p.28), menciona como elementos de forças, de formas isoladas e que eventualmente marcam como “símbolos verticais de convergências,” que permite o observador, atravessar. Já os marcos, são elementos impenetráveis, que funcionam como indicadores do caminho a seguir.

A principal característica do marco é a eficiência visual em ser perceptível de longas distâncias. Normalmente, esses objetos ou elementos são definidos de modo simples, como uma edificação, uma ponte, torres, uma escultura, que ocasionalmente são utilizados para identificar ou estruturar a imagem urbana. No ambiente urbano, esses elementos não existem separadamente, as combinações e relações desses elementos podem ser facilmente observadas, como os bairros serem estruturados e organizados por intermédio dos nós, que são definidos por limites, transpassados por caminhos e pontuado por Marcos.

Para Tuan (1980, p.230), “um símbolo urbano pode ser uma estrutura funcional como uma ponte, uma construção utilitária” ou não “um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para outro, de um mundo para outro.”

Os Marcos estabelecem um contraste com elementos próximos, são bem fundamentados e usados no planejamento, mas tendem a ser muito pessoal, pois nem sempre surgem com um

único elemento físico. Por exemplo, um bairro pode ser apontado, para uma vizinhança, como um Marco. Conforme Lozano (1990, p.265), os cérebros humanos tendem a perceber os padrões de informação e tentar organizá-los dentro de uma ordem, logo a ordem facilita o processo de percepção. Portanto, é fundamental desenvolver uma boa disposição com todos os elementos, de forma a fortalecer e melhorar a percepção da cidade.

## **2.5. O OLHAR DAS PESSOAS PARA AS CIDADES**

### **2.5.1 PERCEPÇÃO – A CIDADE COMO OBJETO**

A percepção é a forma especial de compreensão e absorção de conhecimentos vivido por um observador, isso se dará conforme seus estímulos pessoais e sua personalidade, variando conforme o momento. Conceitualmente é um processo de leitura interpretativa do espaço, utilizando informações sensoriais, “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados.” (Tuan, 1980, p.4). Tuan (1980, p.70) ainda declara que quando não há um descuido de tempo entre a sensação e a compreensão. “se pode falar da experiência, como percepção em sentido absoluto.”

A percepção submete se a uma dependência tanto da experiência do dia a dia quanto da imaginação. O processo de percepção do espaço é basicamente inconsciente de referências acumuladas, sendo através dos nossos sentidos, os meios para composição dessa percepção.

Para Ornstein et al (1995, p.56), a percepção está ligada no modo nos quais o estímulo são absorvidos através do sentido como a visão, olfato, tato, audição, e ainda “o que parece ser simples reação sensorial com frequência depende de variáveis nos campos do condicionamento, motivação e emoção.” Estas variáveis, “estão em seu ambiente imediato e em sua história ambiental” (Ornstein et al., 1995, p.56).

Lefebvre (1991, p.105) também enfatiza que as pessoas não usam apenas a visão, eles também precisam [...] ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir essas percepções do mundo. Mas para Tuan (1980), a visão é o sentido do qual mais dependemos e que usamos de maneira mais consciente, exercendo uma forte influência em nossas experiências, de forma que interfere na concepção do lugar.

Desta forma, encontra se diversas formas para balizar como as pessoas percebem a cidade. O estudo de Lynch (1997), como apresentado anteriormente, é uma das maiores contribuições da percepção e experiência do espaço da cidade. O modelo de Lynch para estrutura da percepção urbana, oferece um ponto de partida adequado para a compreensão dos elementos chave do

espaço urbano visando a experiência social. Para ele, a cidade oferece oportunidades sem precedentes e questiona como as pessoas percebem seus ambientes, moldam e organizam. Dentro deste quadro, ele tem a intenção de criar uma nova maneira de olhar para o ambiente e a forma urbana.

Ainda Lynch, as pessoas fazem a percepção da cidade gradualmente, sendo impossível similar de uma única vez. Conforme o tempo e a vivenciamento da cidade, cada pessoa experimenta e compreende de uma forma.

Apreciar a cidade pode ser particularmente prazeroso, por mais desprezioso seja a imagem, [...] a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. (sendo) [...] portanto uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas das outras artes temporais. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as consequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e anuladas. (Lynch, 1997, p.11)

Para Rapoport (1977), a percepção espacial de uma cidade é importante, pois o ambiente físico tem significado para pessoas, de forma que afeta os sentidos e a qualidade de vida. Ainda Rapoport (1977), as pessoas coletam as informações do espaço, depois as organizam, avaliam e reagem as informações na mente, conforme as preferências.

Penna (1982, p. 33) assegura que a percepção é um campo total constituído de figura e fundo, de tema e campo temático, ou, ainda, de formas e horizontes nos quais elas se recortam e em função dos quais se projetam como unidades destacadas.

Ainda Penna, (1982, p.78) referência em duas formas a organização da percepção:

“Nas formas empíricas ocorrem influências culturais na forma como a realidade que envolve é assimilada, pois as formas visualizadas são apreendidas conforme os modelos representados pelos objetos que mantemos convivência. E o problema de como percebemos o mundo visual pode ser subdividido em dois problemas, o primeiro refere-se à percepção do mundo substancial ou espacial; o segundo à percepção do mundo dos utensílios e coisas significativas com as quais normalmente convivemos.”

Entretanto, “todos os homens compartilham atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única” (Tuan, 1980, p.285). Tuan assegura que as pessoas que vivem na mesma cidade, no mesmo bairro, ainda assim percebem o mundo de forma diferente, e que as diferenças culturais, mudam a realidade e modifica as atitudes do modo como é percebido o espaço que os envolvem.

Nesse processo perceptivo, Cullen (1996) faz uma grande contribuição a respeito da percepção. Segundo o autor, conforme as pessoas caminham pela cidade, os mesmos vão criando um envolvimento com o espaço e captando as informações que os convêm, “constroem uma imagem artificial, resultado de processos mentais para se sentir confortável no “espaço urbano” (Tuan, 1980, p.15).



# 3

## ESTUDO DE CASO A CIDADE ATRAVÉS DOS OLHOS DAS CRIANÇAS

### 3.1. APRESENTAÇÃO PANORÂMA GERAL

O estudo é baseado em exercícios desenvolvido com 182 crianças, devidamente matriculadas, com idade no intervalo entre 7 e 10 anos. Essa faixa etária foi selecionada pois segundo Piaget (1969), nesse estágio, a mente da criança sofre uma mudança de desenvolvimento intelectual e social (apud Barraza, 1999, p.52)

As crianças eram provenientes de oito escolas – entre públicas e particulares - de sete cidades distribuídas em três continentes. No continente europeu participaram duas escolas na cidade do Porto, uma escola na cidade de Winnersh, na Inglaterra, uma escola em Brno, na República Tcheca, e uma escola na cidade de Barcelona, em Espanha. Duas escolas no Brasil, sendo elas localizadas na cidade de Niterói e em Bom Jesus do Itabapoana. Uma escola no continente africano, na cidade de Boane, em Moçambique.

A escolha das cidades e escolas envolvidas no estudo foram baseadas nas relações mantidas com instituições abertas ao desenvolvimento do exercício, a fim de reduzir processos burocráticos em função do tempo necessário ao desenvolvimento do estudo.

O número de escolas foi limitado pelo assentimento das próprias escolas em participar desta pesquisa. Os parâmetros para escolha das escolas possuíam o requisito de serem escolas de primeiro ciclo do ensino básico e mistas.



Fig. 1 - Localização das escolas no Mundo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizados exercícios com as crianças entre julho de 2018 e abril de 2019, durante o horário escolar e nas disponibilidades das escolas em realizarem o exercício sem prejudicar a grade curricular dos alunos. O exercício foi aplicado em uma única sessão em cada escola selecionada, com tempo de duração aproximada de uma hora. Grande parte do exercício foi aplicado durante as atividades artísticas constantes da grade curricular. Para cada escola envolvida na pesquisa, foi enviada previamente uma documentação comprovatória da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Aos Diretores e Professores foi enviada uma documentação sobre a concepção e intenção do projeto a ser desenvolvido.

O exercício consistia no fornecimento às crianças de uma folha de papel branco A4 (210x297mm) onde foram brevemente convidadas a desenharem livremente a cidade onde moravam e o que melhor a representaria. Logo, os desenhos podiam ser feitos a grafite, lápis de cor, hidrocor, poderiam colorir ou não. Os desenhos deveriam ser representados da forma mais natural possível, a primeira imagem que surgisse na memória sobre suas respectivas cidades.

Existe crítica que rejeita o recurso a esse modelo de pesquisa. Para Hart (1979, p.92), os desenhos são inaceitáveis pelo grau de comprometimento com os elementos desenhados no ato criativo, como pela variação da habilidade gráfica e motora dos participantes envolvidos na pesquisa. Embora seja evidenciado por Çubukçu et al. (2018, p.865) de que o desenho é mais

apropriado do que outros tipos de mídia (entrevistas, questionários) para a coleta de informações sobre o conhecimento, sentimentos e pensamentos das crianças sobre um dado espaço; esta conclusão baseia-se em sua própria pesquisa na qual as crianças possuíam escolha entre escrever ou desenhar sobre a experiência ambiental, o resultado foi que 98% aderiram ao desenho para descrever seus conhecimentos e vivências ambientais.

Para Barraza (1999, p.50), os desenhos infantis são usados para explorar sua visão dos principais problemas do mundo de hoje e no futuro.

A fim de não influenciar nos desenhos das crianças, não houve interferência dos adultos, não foram dadas definições de cidades ou qualquer instrução adicional, exceto para esclarecimentos, conforme o necessário para que pudessem desenhar. As crianças eram informadas de que não estavam sendo avaliadas, para que pudessem participar e expressar-se sem pressão. Essas instruções foram seguidas por uma comunicação mínima entre aplicadores e as crianças, que serviram para garantir que os desenhos fossem feitos da maneira mais autêntica possível, captando o grau de experiência, conhecimento e percepção de “como é” e “o que é” a cidade, evitando assim possíveis vieses que poderiam ser introduzidos nos desenhos. A maior parte dos exercícios foram aplicados pelos próprios professores que seguiam as diretrizes anteriores após uma breve explicação da atividade.

Após o desenvolvimento dos desenhos, as crianças eram abordadas para explicarem os desenhos que haviam feito, propondo uma interação e buscando um melhor resultado para a análise.

No primeiro exercício, houve um problema de procedimento onde as crianças eram informadas que deveriam desenhar o que melhor representava à cidade em que viviam e onde gostavam de brincar quando não estavam na escola. A atividade dupla consumia muito tempo e logo as crianças perdiam o interesse em participar, ficavam cansadas em desenhar e inquietas, dificultando a continuidade do exercício. Logo, nos exercícios seguintes, o local onde gostavam de brincar foi retirado da atividade, permitindo uma dedicação exclusiva para desenvolver um desenho sobre à cidade onde moravam.

Também foi desenvolvido um exercício com crianças entre os 6 e 7 anos, porém os desenhos apresentados eram mais abstratos e lúdicos, expressavam poucas conexões com a realidade.

De todo o modo, os processos de aplicação em ambos os casos seguiram as mesmas diretrizes originais.

Após o desenvolvimento do exercício, levando em consideração o tempo e a disponibilidade que as escolas proporcionaram, uma abordagem qualitativa foi julgada a mais apropriada para a interpretação dos desenhos e na obtenção de informações importantes a respeito do estudo.

Segundo Penna (1982, p. 11), perceber é conhecer, através dos sentidos, objetos e situações. O ato implica, como condição necessária, a proximidade do objeto no espaço e no tempo, bem como a possibilidade de se lhe ter acesso direto ou imediato.

Salienta-se que um pequeno número de desenhos não foram utilizados, quando a interpretação dos elementos dos desenhos não era suficientemente clara.

É importante ponderar as dificuldades para o prosseguimento desta investigação, uma vez que foram vários emails enviados para instituições e escolas no Mundo, apresentando pouca receptividade ou quase nenhuma.

No tópico seguinte, serão descritos os aspectos das escolas e das cidades onde os exercícios foram desenvolvidos, dando uma visão global dos ambientes físicos que as crianças retrataram como suas cidades e a dinâmica do exercício em cada escola.

### 3.1.1 ESCOLA EB1 AGRA - PORTO

A Escola EB1/ JI Agra, fica localizado em Paranhos, freguesia do concelho do Porto, na região norte da cidade. No entorno da escola há muitas universidades, e inclui como marcos locais a Igreja da Areosa e o Hospital de São João.

A cidade do Porto possui menos que 41 km<sup>2</sup> e segundo a PORDATA 2016 - Base de Dados Portugal Contemporâneo - a sua população é de 214 mil habitantes.

A escola é constituída de um estabelecimento de ensino público onde é ministrada a educação pré-escolar até o 1º ciclo do ensino básico ou ensino primário.

A escolha desta escola, no primeiro momento, resultou da sua localização, posto que se encontra no meu caminho diário para a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Fiz o primeiro contato com a professora Catarina da escola do Agra, que se apresentou solícita e interessada na pesquisa. Informou que eu deveria contactar a Direção do Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha, o Diretor Dr. Armando Coelho e a Dra. Márcia Silva da Direção de Projetos, solicitando a autorização do exercício junto das crianças.



Fig. 2 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade do Porto, Portugal

Fonte: Elaboração autor com imagens Google



Fig. 3 - Crianças em atividade na Escola EB1/J1 Agra

Fonte: Autor, 2018

Após obter permissão do diretor do agrupamento escolar e dos responsáveis legais dos alunos, foi agendado o exercício para o horário da atividade de enriquecimento curricular, que abrange a atividade de Expressão Plástica e Visual, com a supervisão da professora responsável.

O exercício contou com 20 crianças, compondo um grupo bem homogêneo (10 meninas e 10 meninos) de uma turma da 4º classe. Foi explicado que durante a atividade deveriam desenhar “o que melhor representaria a cidade do Porto” e “onde gostavam de brincar quando não estavam na escola”. A grande maioria demonstrou interesse e faziam muitas perguntas para saberem o que podiam desenhar, já que não eram dadas muitas informações além do que seria a “primeira imagem da cidade que viesse na cabeça”. Essa liberdade para expressar, causou uma demora para iniciarem os desenhos. Assim que se concentraram, as imagens começaram a ser desenvolvidas e as crianças rapidamente queriam falar sobre o que estavam fazendo e solicitavam atenção. Alguns desenharam mais de um desenho, outros já não queriam desenhar dizendo que não sabiam desenhar, perante essa situação, essas crianças foram motivadas a participarem.

Após o exercício, algumas crianças quiseram apresentar seus desenhos e suas experiências na cidade. Em uma breve conversa, demonstraram explorar a cidade nos fins de semana juntamente com seus familiares.

### 3.1.2 ESCOLA OSMOPE - PORTO

A antiga Obra Social do Ministério das Obras Públicas, à OSMOPE foi transformada, nos dias atuais, em uma instituição Particular de Solidariedade Social com objetivo de conectar as crianças ao conhecimento, uma ponte do saber.

A escola fica localizada na freguesia do Bonfim, a leste do centro do Porto, na Rua de Costa Cabral, compreendida entre a Quinta do Covelo e o Jardim do Marquês.

Como instituição particular, atende da creche ao 1º ciclo do ensino básico.

Por indicação da minha Orientadora, contactei a diretora Sílvia Berény para uma reunião com o objetivo de apresentar a proposta do meu exercício.

A escola vem participando do Projeto Bridging que se trata de um projeto educativo europeu que conecta escolas do Porto, Jyvaskyla, Bruxelas e Varsóvia através das artes em espaços públicos.

Fui apresentado à estrutura da escola e ao modelo educacional praticado, que trabalha com as mais diversas atividades artísticas, comunicativa e motoras, o senso crítico, espírito de cooperação e autonomia para o autoconhecimento.

Um dia antes do exercício, para uma melhor interação, acompanhei as crianças na sessão de cinema onde os alunos do 4º ano haviam participado na produção da curta-metragem “Direito

à Cidade” apresentado no “Porto/Post/Doc”. As crianças haviam construído em lego uma cidade fictícia que serviu como cenário para produção.

No dia do exercício, as vinte e três crianças que participaram da atividade, já estavam familiarizadas com o tema. A turma era formada por 12 meninos e 11 meninas, na sua maioria com 9 anos.

A ação de pensar, desenvolver ou criar a cidade é comum no dia a dia das crianças da OSMOPE, logo a atividade proposta foi rapidamente captada, desenvolvida e discutida em sala de aula.

Outro fator que é importante destacar é que a maioria das crianças são filhos de pais artistas, músicos e arquitetos; então, estão acostumados a participarem de diversas atividades culturais pela cidade, sendo assim mais estimuladas às novas percepções.

### 3.1.3 ESCOLA CLUBINHO VERDE E AMARELO - WINNERSH

O Clubinho Verde Amarelo é uma escola sem fins lucrativos, no Reino Unido, que tem como objetivo promover atividades entre as famílias Anglo-Brasileiras, a prática da língua portuguesa e da cultura brasileira com atividades aos sábados, durante o ano letivo.

A grande maioria das crianças são filhos de pais brasileiros ou de famílias que possuem algum vínculo ou afinidade pelo Brasil.

As aulas acontecem em uma das edificações da Forest School, uma escola secundária que fica situada na pequena aldeia de Winnersh, a oeste de Londres.

O exercício foi aplicado em novembro de 2018, com uma turma de 11 crianças, entre 8 e 10 anos. As crianças que participaram da atividade são moradoras de Reading uma cidade com 61 km<sup>2</sup> com uma população de 155 mil habitantes – censo de 2011. Reading fica a 9 km da escola, um importante centro comercial da região que é ‘cortado’ pelo rio Tâmsa. O rio foi importante para o desenvolvimento da cidade, sendo hoje utilizado apenas para lazer. A cidade possui mais de 100 parques, sendo o Prospect Park o maior parque público.

As crianças que participaram da atividade, desenvolveram individualmente seus desenhos, embora tenham trabalhado em uma grande mesa compartilhada. Apresentaram um pouco de timidez nos primeiros minutos, mas logo conversaram e demonstraram conhecimento da urbanidade da cidade, chamando atenção para a área central, onde destaca-se o centro comercial. Também representaram uma interação e relação com os parques da cidade, além da própria escola. Em um dos desenhos se observou a presença da ideologia religiosa local.



Fig. 4 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Reading, Reino Unido  
Fonte: Elaboração autor com imagens Google



Fig. 5 - Crianças em atividade no Clubinho Verde e Amarelo em Winnersh  
Fonte: Autor, 2018

Não havia previsto esta iniciativa, mas no final da atividade, foi apresentada a percepção das crianças da Cidade do Porto, como uma forma de intercâmbio de experiências. A iniciativa não

foi planejada, mas foi bastante válido ver as crianças curiosas e procurando desvendar cada imagem.

#### 3.1.4 COLÉGIO NOSSA SRA. DA ASSUNÇÃO - NITERÓI

O Colégio Nossa Senhora da Assunção é uma instituição particular com um modelo pedagógico tradicional, norteadas aos ensinamentos da Igreja. O colégio desenvolve muitas atividades no bairro e com a igreja da comunidade.

O colégio está situado no bairro de São Francisco, na cidade de Niterói. São Francisco é um bairro residencial com 3.40 km<sup>2</sup> à margem da praia de mesmo nome que fica na Baía de Guanabara, de frente para a cidade do Rio de Janeiro. Foi uma antiga vila de pescadores, hoje é mais conhecida pela concentração de bares e restaurantes ao longo da orla. É uma importante conexão da cidade Niterói com o Oceano Atlântico. Tem como um marco a Igrejinha de São Francisco Xavier, o calçado ao longo da praia como uma grande área de lazer pública e ainda uma forte presença da natureza com o Parque Ecológico da Cidade. Possui outras instituições de ensino e também um comércio local significativo.

Com uma população de 487 mil habitantes – censo de 2010 -, a cidade de Niterói é famosa pelo maior conjunto arquitetônico, depois de Brasília, do arquiteto Oscar Niemeyer, como é o símbolo da cidade o Museu de Arte Contemporânea, o Teatro Popular de Niterói e o Caminho Niemeyer.

A atividade foi desenvolvida em março de 2019, e, por facilidade de contato com profissionais da escola, foi solicitado o desenvolvimento da atividade de representação a cidade com a turma de 13 crianças da 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> classe, com a faixa de idade entre oito e dez anos. A amostra total foi equilibrada em termos de gênero, 55% de meninas e 45% de meninos.

A grande parte das crianças moram na mesma área em que a escola está localizada, outras, mas poucas, nos bairros vizinhos como Jurujuba, Icaraí e Pendotiba. As crianças do bairro de São Francisco moram na sua grande maioria em moradias unifamiliares, e as crianças que se deslocam dos bairros vizinhos moram em edifícios residenciais multifamiliares. É um bairro de classe média alta, com baixa densidade e concentração de edificações multifamiliares, quando comparado com outros bairros da cidade.

Todas as crianças se deslocam em veículos particulares para escola.



Fig. 6 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Niterói, Brasil

Fonte: Elaboração autor com imagens Google

O exercício foi aplicado por uma professora da instituição que seguiu as diretrizes estabelecidas, respeitando a liberdade e a naturalidade da representação. Com poucas informações as crianças foram convidadas a representarem como conheciam a cidade. Não havia incentivos sobre aspectos da cidade, seguindo o modelo aplicado nas outras escolas.

### 3.1.5 COLÉGIO PARTICULAR MATOLA-MAPUTO - BOANE

O Colégio Privado da Matola-Maputo é uma escola privada que compreende o ensino desde a creche ao ensino secundário.

A escola, embora o nome Matola, fica localizada no município de Boane, sendo um distrito da província de Maputo, ao sul de Moçambique, país localizado no sudeste do continente Africano. Boane fica localizada a 30 km da capital Maputo. O Rio Matola é o principal limite físico entre Boane e Matola.

Segundo dados do Serviço Distrital de Atividade Econômicas do Distrito é uma cidade que possui uma forte atividade no setor agrícola, onde esse setor ocupa uma área total de 43 200 ha,

sendo a agricultura familiar a atividade que ocupa cerca de 70% da população ativa. (SDAE, 2009, p. 27)



Fig. 7 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Boane, Moçambique

Fonte: Elaboração autor com imagens Google

Após a troca de mensagens com um amigo local, este prontificou-se a colocar-me em contato com um profissional da área da educação em Moçambique. A professora Amina Tajú providenciou a aprovação e o desenvolvimento da atividade junto ao Colégio Privado da Matola-Maputo. Sendo assim, o exercício foi aplicado no mês de fevereiro de 2019, conforme as recomendações, foi aplicada em duas turmas de 3º e uma de 4º classe, com crianças entre 8 e 9 anos de idade. Na terceira classe havia 11 meninas e 5 meninos, e na quarta classe 8 meninas e 7 meninos. Todos, individualmente, desenharam a cidade de Boane e Matola, onde a maioria vive.

As crianças ficaram particularmente empolgadas. Embora os desenhos tenham sido desenvolvidos individualmente, chama a atenção para a similaridade da representação, a grande maioria dos desenhos apresentaram a ausência de área de lazer/verde e traços marcantes de vias

para automóveis. Muitos representaram o universo cidade como suas casas e a comunidade onde moram, chamando atenção para a casa do vizinho e o comércio local.

### 3.1.6 ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL BATISTA - BOM JESUS DO ITABAPOANA

O Centro Educacional Batista tem como pensamento educativo os conceitos cristãos buscando além da educação, o desenvolvimento dos aspectos intelectuais e afetivos.

A escola fica na pequena cidade de Bom Jesus do Itabapoana, dentro do Vale do Itabapoana, localizada ao noroeste da cidade o Rio de Janeiro. A cidade é limitada pelo Rio Itabapoana, que separa o estado do Rio de Janeiro de Espírito Santo. Tem uma população de 35.000 habitantes – de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010) – distribuída em 5 concelhos, sendo agrícolas a maior parte dessas áreas. A agropecuária é a maior atividade econômica da cidade, como também o setor terciário. Possui um pequeno polo industrial.

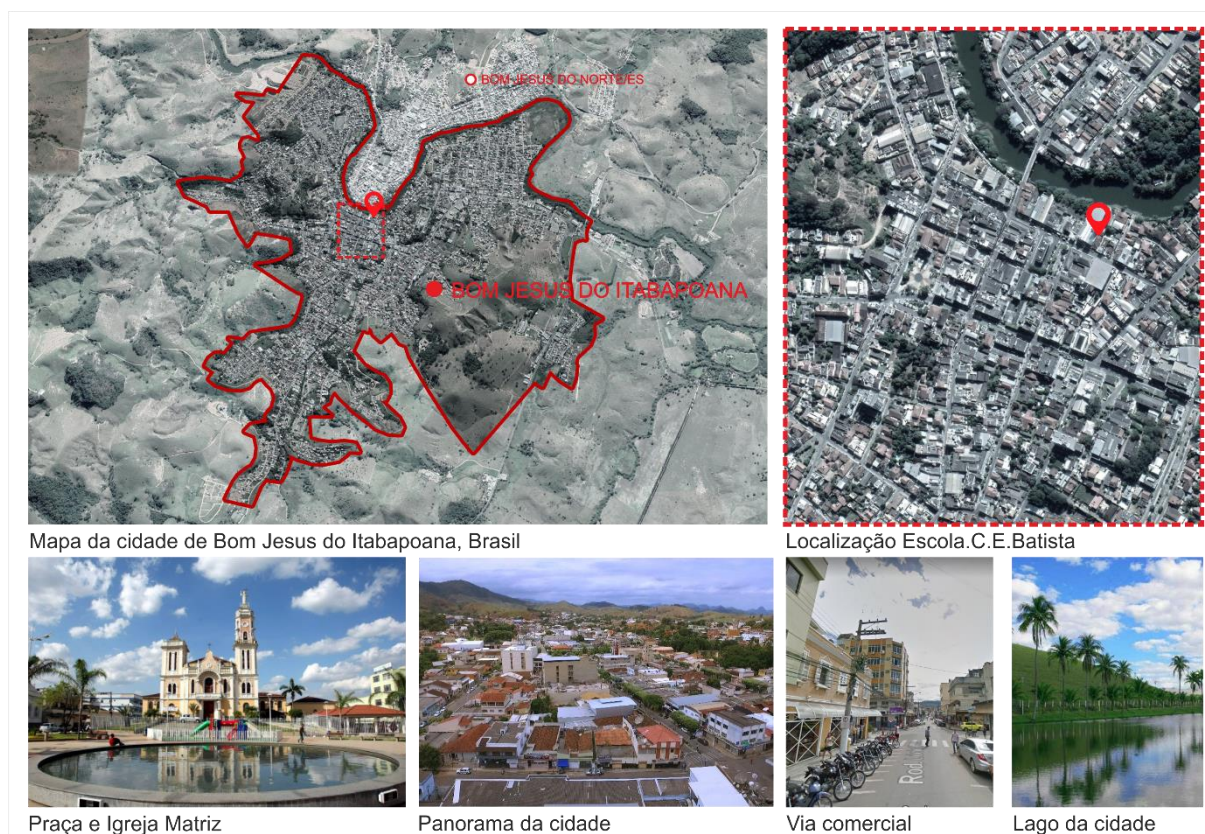


Fig. 8 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, Brasil

Fonte: Elaboração autor com imagens Google

Destacam-se na imagem da cidade o Lago José Neves, a Praça da Matriz e como marco a Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus.

A cidade é composta na sua grande maioria por habitação unifamiliar, com um traçado urbano irregular e com o território espraiado.

Tendo uma relação estreita com a cidade, a atividade foi rapidamente desenvolvida, ocorrendo em dezembro de 2018 na Escola local. Os desenhos foram feitos individualmente por alunos do 3º Ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de 7 a 8 anos. As crianças, na sua grande maioria, moram em cidades afastadas, deslocando-se diariamente através de transporte privado entre as cidades. Por ser uma cidade pequena, não há uma grande demanda de transporte público, logo o deslocamento das crianças é feito através de veículos como carro e motocicleta. Creditou a importância do estudo desenvolvido na cidade de Bom Jesus do Itabapoana, por conta do resultado obtido para composição dos dados e de percepção de crianças que habitam em uma cidade no interior do Brasil, onde a composição cidade é diferente dos grandes centros urbanos.

### 3.1.7 ESCOLA THAU - BARCELONA

A Escola Thau fica situada no bairro de Pedralbes, nos limites de Barcelona com a região de Baix Llobregat, aproximadamente a 5km do centro da cidade e na vertente do Monte Sant Pere Màrtir, proporcionando não só o contato direto com o verde, mas também com intensa relação com a vida urbana de Barcelona.

Barcelona está dividida em dez distritos que se subdividem em bairros. O bairro de Pedralbes é conhecido pelos Pavilhões Güell, um dos inúmeros trabalhos desenvolvido pelo arquiteto espanhol Antoni Gaudí, representante do modernismo catalão.

Barcelona é a capital da Catalunha, sendo a segunda cidade mais populosa da Espanha, com 1.6 milhões de pessoas – conforme dados do Instituto Nacional de Estatística de 2018 – limita-se a leste pelo Mar Mediterrâneo e a Oeste pela Serra de Collserola com uma área aproximada de 100km<sup>2</sup>.

Tem um papel fundamental no cenário político e econômico europeu e um importante polo cultural que se evidencia, para além da arte e da arquitetura. Possui inúmeros monumentos arquitetônicos, como a Sagrada Família e Casa Milà do arquiteto modernista Antoni Gaudí, o Pavilhão Alemão de Mies van der Rohe, a Torre Agbar do arquiteto Jean Nouvel, e no mundo da arte destacam-se ilustres artistas como Joan Miró, Tàpies e Salvador Dalí.



Fig. 9 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Barcelona, Espanha

Fonte: Elaboração autor com imagens Google

A cidade possui um dos mais famosos e bem sucedidos planos urbanísticos, contribuição do engenheiro Ildefonso Cerdà, com o *Plan de Ensanche* (Plano de Extensão). O Plano de Extensão tinha como objetivo fornecer uma alternativa mais ordenada das ruas e dos quarteirões, criar hierarquias viárias e uma estrutura de quadra que permitiria se desdobrar indefinidamente, conforme a cidade fosse crescendo.

Mais tarde a cidade vem a receber as Olimpíadas de 1992, que impulsionaram um novo processo urbanístico com melhorias na infraestrutura, saneamento, transporte e equipamentos públicos. A transformação foi tão grande que a colocou no mapa turístico mundial, hoje sendo a 20ª cidade mais visitada.

O exercício realizado na Escola Thau em Barcelona ocorreu em fevereiro de 2019. Havia quinze participantes entre 7 e 9 anos de idade, entre meninas e meninos, que a escola selecionou em 3 turmas para o desenvolvimento dos desenhos. Havia crianças da 2ª classe que tinham sete anos de idade, crianças da 3ª e 4ª classe com a idade entre oito e nove anos, todos do ensino básico. O exercício foi desenvolvido por uma professora da Escola Thau, que mediou todo o processo junto à direção da escola. Após a aprovação da direção para a atividade, a professora executou

o exercício conforme as diretrizes - mencionadas anteriormente - que foram informadas via email.

Como as crianças estavam cansadas de outras atividades, o exercício durou apenas 45 minutos e os desenhos foram feitos apenas a grafite, não tendo tempo suficiente para colorir, mas se esforçaram para adicionar o máximo de detalhes.

Como nos exercícios desenvolvidos nas outras escolas, na Escola Thau, cada criança gerou seu próprio desenho. Embora nessa escola tenham trabalhado em mesas compartilhadas, as crianças procuraram de modo independente representar da melhor forma a cidade de Barcelona, pois os desenhos não apresentaram similaridades gráficas, mostrando assim personalidade e conhecimento individualizados quando são convidadas a apresentar a cidade em que vivem.

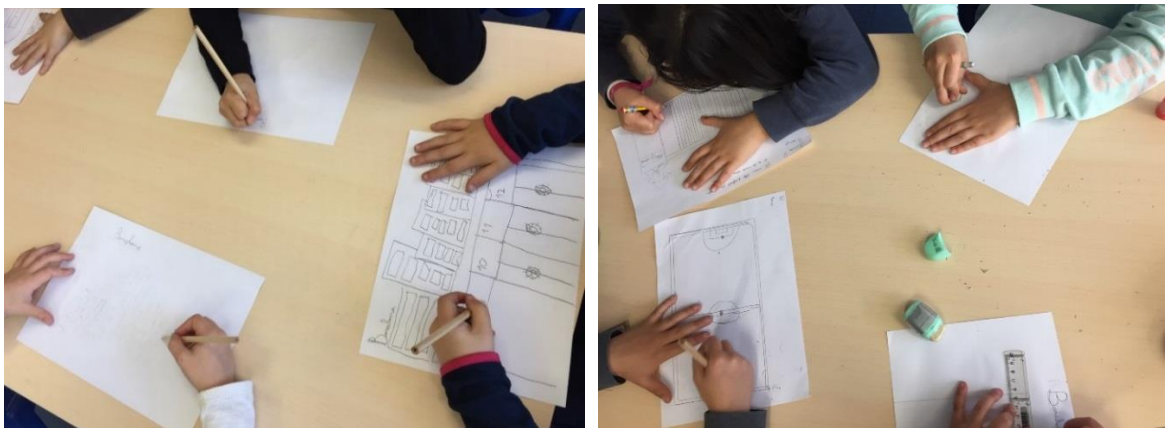


Fig. 10 - Crianças em atividade na Escola Thau em Barcelona

Fonte: Mar Pujadas, 2019

No decorrer da atividade, conforme informado pela professora, as crianças, embora cansadas, apresentaram interesse no exercício e faziam muitas perguntas, conforme destaque abaixo:

“Puedo dibujar sólo la playa?” (Esta niña vive cerca de la playa)

“¿Puedo dibujar diferentes edificios, aunque en verdad no están al lado?”

“Tenemos que dibujar tooooooda la ciudad?”

“Puedo dibujar sólo la plaza donde vivo?”

“Pero del colegio?”

“Puede ser de fuera?”

“Podemos hacer una frase que lo explique?”

“Nos dibujamos también?”

“Puede ser un sitio que solo haya ido una vez?”

Como a professora havia sido informada, não deveria passar muitas informações e não contextualizar a cidade, assim sendo, apenas foi respondido o que deveriam desenvolver.

### 3.1.8 ESCOLA KOTLÁŘSKÁ - BRNO

A Escola Kotlářská (*Primary and Nursery school Kotlářská*) fica localizada na cidade de Brno, na República Tcheca. A escola é um estabelecimento onde os níveis de educação vão do Jardim de Infância até ao primeiro estágio da escolaridade obrigatória, ou seja, o ensino Primário. A escola fica instalada no centro da cidade, no distrito Brno-střed. Brno possui 28 outros distritos além de Brno- střed, que se subdivide em outras 9 áreas.

A cidade de Brno fica situada na região sudeste da República Tcheca, cortada pelo Rio Svratka e, de acordo com Czech Statistical Office 2019, a população da cidade é de 385 mil habitantes em uma área aproximada de 230km<sup>2</sup>, sendo a segunda maior cidade da República Tcheca.

O centro da cidade é altamente concentrado de edificações históricas, proporcionando às crianças da Escola Kotlářská uma proximidade com importantes espaços arquitetônicos como a Catedral de São Pedro e Paulo, o Castelo de Špilberk e o importante parque do séc. XIX, Lužánky, o primeiro Parque Público da República Tcheca.

Destaca-se também, nas proximidades da escola, a edificação modernista projetada por Mies van der Rohe, a valorosa Villa Tugendhat, classificada como Patrimônio da UNESCO.

O exercício na Escola Kotlářská, foi desenvolvida no mês abril de 2019, com a atuação de trinta e oito crianças de duas turmas do 4<sup>o</sup> ano, na faixa etária de 9 a 10 anos, e dezoito crianças da 2<sup>a</sup> classe entre os 7 e 8 anos de idade.

O exercício foi desenvolvido em mesas individuais, onde cada criança desenhou o que melhor representa a cidade de Brno. As mesmas orientações foram passadas, para que o exercício pudesse ser aplicado conforme as diretrizes e seguisse o modelo das outras escolas. Todo o processo foi mediado por um casal de amigos da cidade de Brno junto às professoras da Escola Kotlářská, onde suas filhas estudam.



Fig. 11 - Localização Cidade, Escola e Panorama da cidade de Brno, República Tcheca

Fonte: Elaboração autor com imagens Google

A atividade desenvolvida com as dezoito crianças da turma da 2<sup>a</sup> classe apresentou um erro de comunicação, uma vez que as crianças foram orientadas a desenharem o lugar preferido na cidade.

A realização da atividade com as duas turmas do 4<sup>o</sup> ano teve a orientação corrigida e assim seguiu corretamente as diretrizes com a breve explicação da atividade, estabelecendo que deveriam desenhar a cidade onde moram ou o que melhor a representa.

Embora o ocorrido com a turma do 3<sup>o</sup> ano, os desenhos não foram descartados, e o resultado será apresentado no próximo capítulo.

### 3.2 CATEGORIZAÇÃO DOS DESENHOS

No processo de investigação, o ponto mais desafiante foi se o método empregado na busca de dados, por certo nos permitirá analisar e compreender as circunstâncias da percepção com mais profundidade.

O que é proposto neste capítulo é apontar, através dos desenhos desenvolvidos por diversas crianças, uma forma para compreender suas respectivas cidades, através de uma visão, fragmentada ou não, e sua interação com a cidade como um todo.

Para o processo da dissertação, as crianças desenvolveram, conforme mencionado anteriormente, a tarefa de gerar a primeira impressão da cidade onde moravam, concentrando-se na experiência direta e real de sua cidade. Cento e oitenta e dois (182) desenhos foram analisados separadamente. A partir desta leitura estabelecem-se os resultados que serão categorizados e analisados concentrando-se em dois modelos que já foram referidos pontualmente ao longo do trabalho, especificamente em capítulos anteriores.

A partir da pesquisa de Lynch, dos cinco elementos formais da imagem da cidade - os marcos, as vias, os limites, os bairros e os nós -, os desenhos foram interpretados como mecanismos para identificar a percepção das crianças no ambiente urbano. Trata-se de notar o dia a dia das crianças, ou seja, habilitar se em ver o que percebem da cidade em que vivem.

Atendo-se ao segundo modelo de análise, para obter uma visão geral, todos os desenhos desenvolvidos foram tratados na composição de categorias temáticas, os conteúdos das imagens foram reunidos e nomeados como Matérias. Assim, foram abordadas as tipologias existentes por meio da identificação de características similares e padrões recorrentes, destacando-se assim a presença de Parques e Praças, Paisagem, Infraestrutura e Edificações. Na sequência deste reconhecimento destacamos a caracterização de cada um destes quatro padrões:

Parques e Praças, concentração de atividades não habitacionais correspondendo à representação de áreas abertas, verdes ou não, com lagos, fontes, podendo conter equipamento de recreação e mobiliário urbano. No sentido estrito, a praça é o resultado de um agrupamento de casas à volta de um espaço livre (Alves, 2003, p.75), simultaneamente uma construção e um vazio, integrado, a maioria das vezes ao tecido urbano.

Paisagem, embora seja um tema extremamente amplo, com múltiplos caminhos e que gera inúmeros significados. Aqui refere-se a representações de amplas imagens que contivessem elementos naturais como rio, praia, pedra, relevos, vegetação, que tenha ou não marcas da ação humana na paisagem natural, como a paisagem cultura considerado por Sauer (1998, p.43).

Infraestruturas corresponde aos ambientes com vias, passeios, veículos, esculturas, equipamentos para brincar, bancos, iluminação, lixeiras, equipamentos urbanos de modo geral.

Essa categoria engloba uma variedade de objetos fixos e móveis, encontrado no espaço urbano, de tal forma, às vezes por serem pequenos na espacialidade da cidade, podem ser facilmente ignorados, porém, realça a importância de orientação e identificação do espaço urbano.

Edificações, condiz as representações onde houvesse ambientes construídos, concentrações ou não de edifícios, casas, comércios ou monumentos arquitetônicos. Elementos que estabelecem uma relação entre o espaço interior dos edifícios com o espaço exterior público. Podem proporcionar ritmos horizontais e verticais, com uniformidade ou não, que muitas das vezes estabelecem um cenário para o espaço urbano.

Essas matérias são compreensíveis e identificáveis nos desenhos das crianças, embora se sobrepõem uma nas outras, de um modo geral, todas integram na composição da paisagem urbana.

Foi importante compreender e analisar detalhadamente cada um destes atributos de modo que se pudesse ponderar o que realmente fosse relevante avaliar na pesquisa em questão.

### 3.2.1 INTERPRETAÇÃO ESCOLA EB1 AGRA - PORTO

Nos desenhos produzidos pelas crianças da Escola Agra, os Limites como as praias e o Rio Douro foram elementos mais visíveis, estando explicitamente representados e assim correspondendo a 32%, seguidos por 26% dos Marcos da cidade, como a Ponte Luís I e o Estádio do Dragão.

Quando se trata das matérias identificadas, 8 dos 20 desenhos, foram constatados a representação da paisagem da cidade, correspondendo à 38%. Deste modo, a paisagem de um modo geral, apresenta-se uma característica dominante, onde as componentes da cidade, juntas, se destacam para as crianças da escola EB1 de Paranhos.

Importante evidenciar, que o mesmo acontece quando analisado os desenhos conforme os elementos como Vias, Bairros, Limites, Nós e Marcos, as componentes se conectam e/ou se sobrepõem.

Apenas 2 dos 20 desenhos, correspondendo à 10% conforme o Gráfico 2, esboçaram parques e praças. Evidencia-se que para essas crianças à cidade não representa um lugar para brincar e há ausência de atividades e áreas de recreação.

Gráfico 1 - Incidências em % Imagem da Cidade  
EB1/ Porto

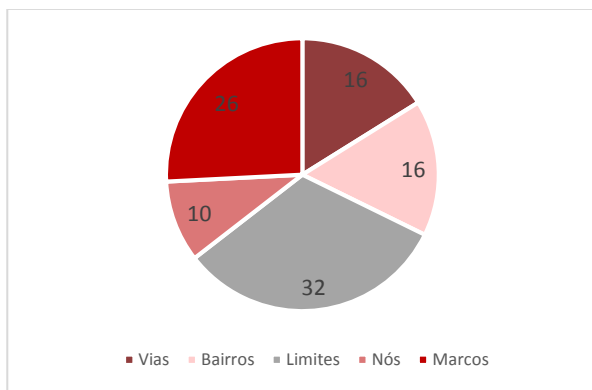
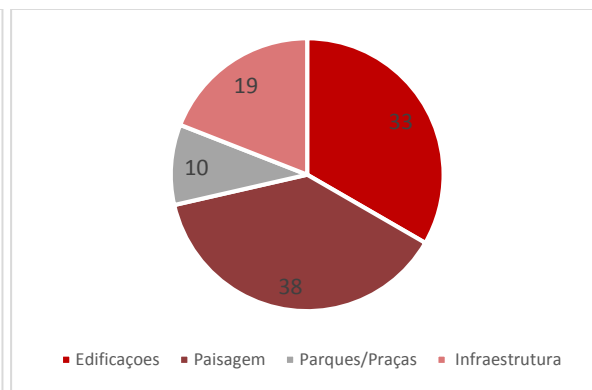


Gráfico 2 - Incidências em % Matéria  
EB1/ Porto



Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora não sendo um elemento de análise, vale ressaltar a representação de pessoas nos desenhos, apresentando uma interação social com a cidade. Por exemplo, no desenho 004 (Figura 12) uma menina de 10 anos representa uma pessoa apreciando a Paisagem e outra remando em um barco no Rio Douro, sendo o mesmo desenho a sobreposição da representação dos elementos Urbanos como Limite e Marco na cidade do Porto. No desenho 006 (Figura 13), há pessoas nadando no mar.



Fig. 12 – Desenho 004 Rio Douro como elemento Limite entre Porto e V.N.de Gaia

Çubukçu et al. (2018, p.868) refere que as crianças das cidades urbanas e rurais da Turquia também representaram atividades e diversão como eixos para suas relações sociais, dessa forma, evidencia a capacidade das crianças na percepção da cidade como espaço para entretenimento e relações sociais.



Fig. 13 - Desenho 006 praia como Limite e de relação social com Espaço Urbano

### 3.2.2 INTERPRETAÇÃO ESCOLA OSMOPE - PORTO

Na análise dos desenhos das crianças da OSMOPE, se destaca a representação de Marcos da cidade com a incidência de 48%, surgindo como frequentes a histórica Ponte Luís I, duas vezes a Ponte da Arrábida, a monumental edificação da Casa da Música, atribuem importância à Torre dos Clérigos, Praça do Cubo e Palácio de Cristal, e referenciam algumas edificações comerciais e culturais como o Coliseu e o Shopping Alameda. Sendo assim, as edificações foram os elementos mais perceptíveis para as crianças da OSMOPE, reconhecendo e atribuindo importância a esta enquanto atributo da cidade. No desenho 032 (Figura 14) é representado o Monumento aos Heróis da Guerra da Península como uma referência na imagem da cidade para um menino de 9 anos. No mesmo desenho observam-se em primeiro plano as árvores da Rotunda da Boavista e a composição em segundo plano da Casa da Música e uma outra edificação. No pormenor podem-se ver placas solares no alto da edificação.

Ainda que em muitas representações as Edificações dominassem, as cenas das ruas também surgiam no contexto da imagem, talvez sinalizando o modo como as crianças usam esses espaços urbanos no seu dia a dia, no deslocamento entre casa e escola.



Fig. 14 - Desenho 032 representação Marco

No desenho 038 (Figura 15) é representada a imagem do centro da cidade com a Torre dos Clérigos e também um guindaste, elemento comum na paisagem da cidade atual, representando as mudanças e o crescimento da cidade.

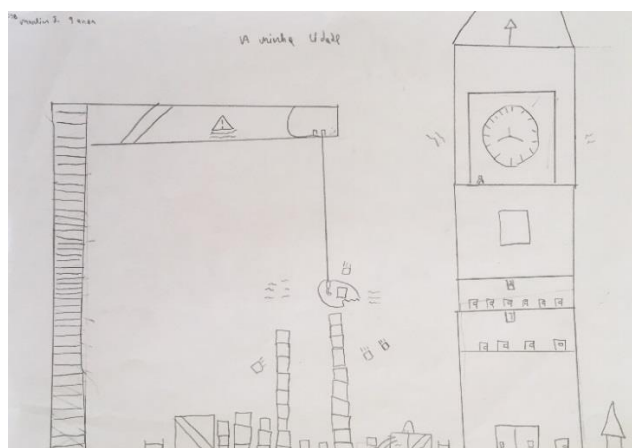


Fig. 15 - Desenho 038 Marco e cotidiano da cidade

### 3.2.3 INTERPRETAÇÃO ESCOLA CLUBINHO VERDE E AMARELO - WINNERSH

Os resultados dos desenhos desenvolvidos pelas crianças do Clubinho Verde e Amarelo, apresentaram as fachadas comerciais do centro de Redding como pontos marcantes. Como mencionado anteriormente, a escola é localizada em Winnersh, porém, a grande maioria das

crianças moram em Redding. As edificações são componentes representadas em 6 dos 11 desenhos.

Gráfico 3 - Incidências em % Imagem da Cidade  
C.V.A./ Winnersh

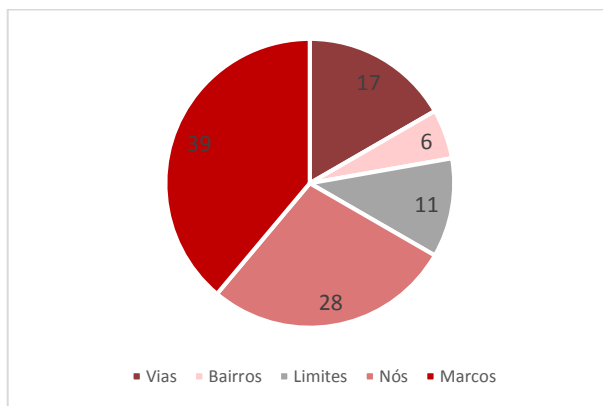
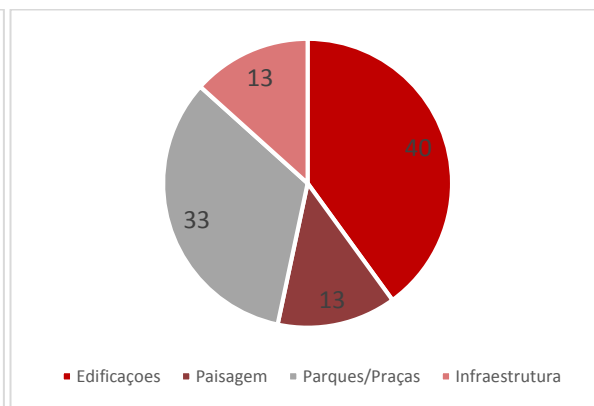


Gráfico 4 - Incidências em % Matéria  
C.V.A./ Winnersh



Fonte: Elaborada pelo autor

Dos 11 desenhos, 5 continham um importante parque da cidade, o Prospect Park (Figura 17), apresentado nessa situação uma forte intensidade funcional de conexão, como também elementos marcantes na cidade, para essas crianças.

Evidencia-se com uma sobreposição das imagens, uma relação e incidência com outros elementos, como as Vias e Nós.

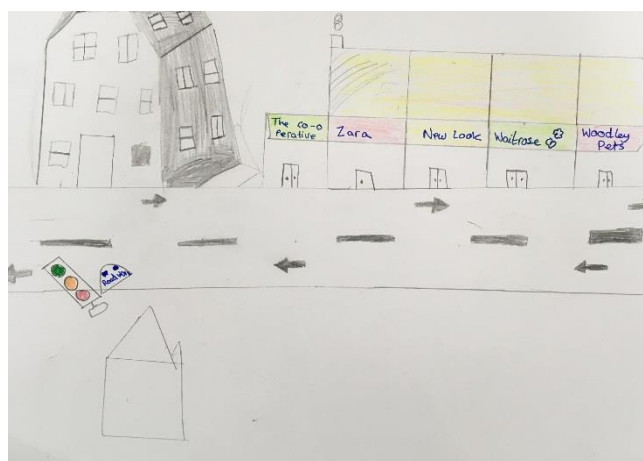


Fig. 16 - Desenho 021 Conjunto de fachadas na zona comercial de Reading

Há sinais da vida cotidiana, particularmente nos espaços abertos dos parques e nas áreas comerciais, como na (Figura 16), apresenta-se perspectivas de consumo. As crianças expressam

e simbolizam seus interesses e experiências, “desta forma, - as crianças - parecem estar representando as cidades – no seu todo - como um lugar para recreação” (compras, esportes, alimentação e entretenimento). Béneker et al. (2010, p.137)



Fig. 17 - Desenho 023 Prospect Park de Reading

### 3.2.4 INTERPRETAÇÃO ESCOLA NOSSA SRA. DA ASSUNÇÃO - NITERÓI

Do exercício desenvolvido na cidade de Niterói, pôde-se observar no Desenho 055, (Figura 18), um elemento marcante na paisagem da cidade, o Museu de Arte Contemporânea, representando 6 dos 9 desenhos de Marcos da cidade de Niterói, seguido pelos desenhos da escola e da escultura do Índio Araribóia, fundador da cidade. Desta forma, há 41% de incidência de edificações, evidenciando assim, mais uma vez, como citado por Lúcio (2011, pg.226), a “relevância da Cidade física, da infraestrutura e na estruturação na percepção da Cidade”.



Fig. 18 - Desenho 055 Marco na cidade de Niterói

O elemento Limite surge em 5 de 6 desenhos, com a representação da Praia de São Francisco, que se localiza no bairro onde fica a escola. (Figura 19)



Fig. 19 - Desenho 58 Praia de São Francisco como elemento Limite



Fig. 20 - Desenho 063 Sobreposição dos elementos

Algo interessante que foi constatado em dois desenhos foi a tentativa de representar a cidade como um todo. Foi possível identificar a presença das características e estruturas da Imagem da Cidade se sobrepondo como Vias, Limites, Bairros, Nós e Marcos no mesmo desenho, como se pode ver na (Figura 20).

As Vias representadas pelas inúmeras ruas da cidade surgem com a mesma frequência, seis vezes correspondendo a 22% das ocorrências no conjunto dos elementos, embora os veículos sejam visíveis apenas duas vezes.

Gráfico 5 - Incidências em % Imagem da Cidade C.N.S. Assunção/Niterói

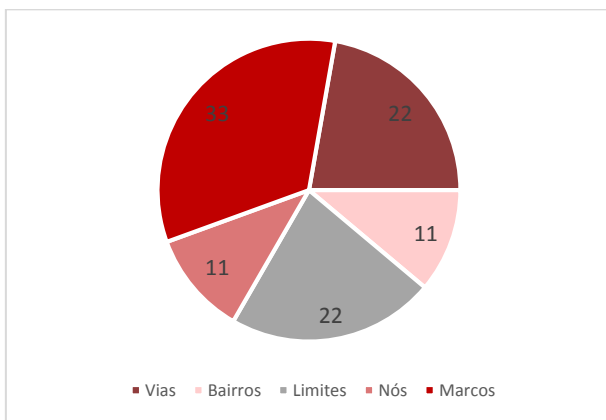
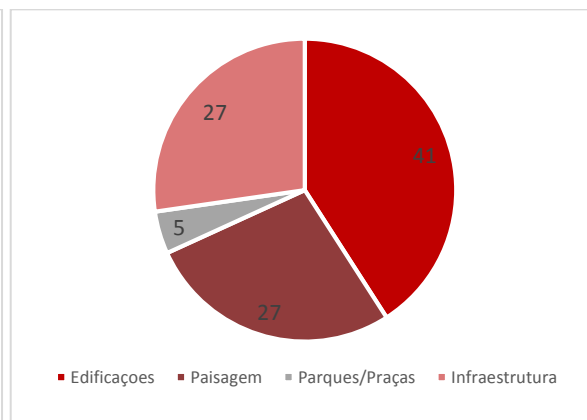


Gráfico 6 - Incidências em % Matéria C.N.S. Assunção/Niterói



Fonte: Elaborada pelo autor

### 3.2.5 INTERPRETAÇÃO COLÉGIO PARTICULAR MATOLA-MAPUTO - BOANE

O que pode ser constatado nos desenhos desenvolvidos pelas crianças da Escola Matola é o valor de algumas questões relativas à Cidade na qualidade de espaço de relação. A representação do Bairro manifesta-se 25 vezes dos 28 desenhos desenvolvidos, como por exemplo no desenho 086 (Figura 21). Embora não haja uma riqueza de detalhes nas representações, as crianças tiveram o cuidado de indicar onde moram, o nome dos vizinhos e o nome do comércio local, mostrando desta forma a interação acerca de quem habita e estabelece relações sociais, definindo assim a legibilidade do espaço enquanto cidade.

Para Lynch (1960, p.66) o conceito de Bairro refere-se a um lugar percebido como relativamente homogêneo em relação à cidade, ou ao menos, relativamente comum, que permita diferenciá-la do resto da malha urbana.

Nos desenhos, além da representação de Bairros, com os aglomerados de edificações, destaca-se a conexão por Vias, feita pelas crianças entre as casas e demais edificações. São representadas de várias formas as ruas e estradas da cidade, vias curtas, vias longas, algumas vias indicam a existência de Limites. O curioso que pode ser enfatizado é a ausência, na maioria das representações de pessoas e veículos. Com efeito, é particularmente baixa a incidência destes, verificando-se 5 imagens em 28 (17%) com a representação de veículos e 7 imagens em 28 (25%) de pessoas. Outro fator evidenciado é a baixa representação de árvores e espaços verdes, porventura assinalando o modo como essas crianças utilizam esses ambientes no seu dia a dia.

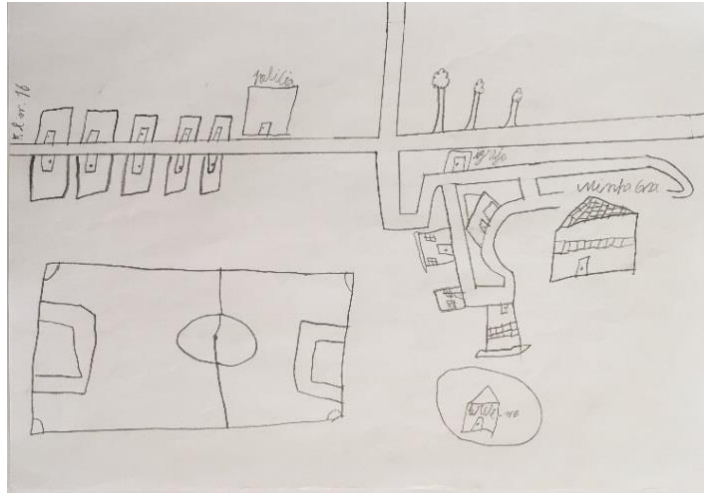


Fig. 21 - Desenho 086 ilustração do Bairro com Vias e Nós

O elemento Marco, curiosamente, não parece ser um elemento comum da paisagem da cidade, manifesta-se apenas uma vez com o Rio Matola - importante rio que limita Boane com a cidade de Matola - e através das edificações de comércio local, sem relevância arquitetônica, embora importante na conexão para a imagem mental das crianças.

Gráfico 7 - Incidências em % Imagem da Cidade CPMM/Boane

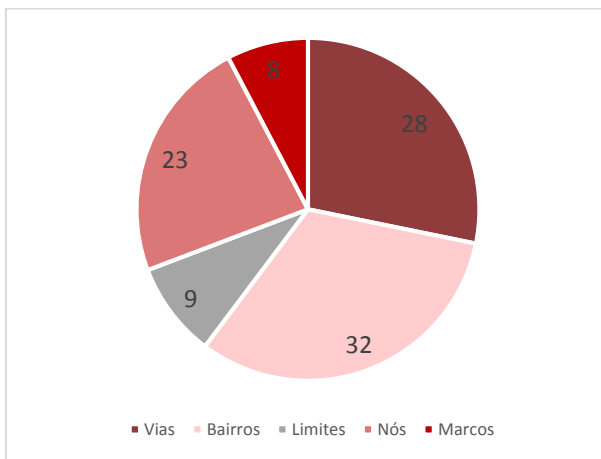
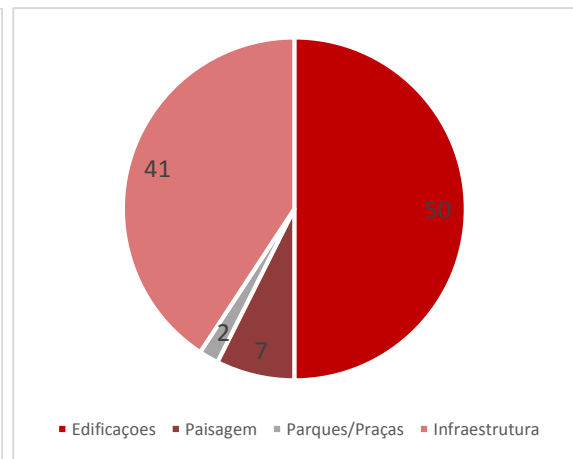


Gráfico 8 - Incidências em % Matéria CPMM /Boane



Fonte: Elaborada pelo autor

Como mencionado na caracterização, grande parte da cidade de Boane é basicamente agrícola, e mesmo sendo a atividade dominante da maior parte da população, foi o elemento que teve pouca incidência, sendo representado apenas três vezes, podendo especular-se que a sua

imagem não proporciona qualidades de percepção para essas crianças e que reflete um modo de vida de pouco contato com essa prática. No desenho 095 (Figura 22), pode-se ver a área agrícola como referência da cidade de Boane.

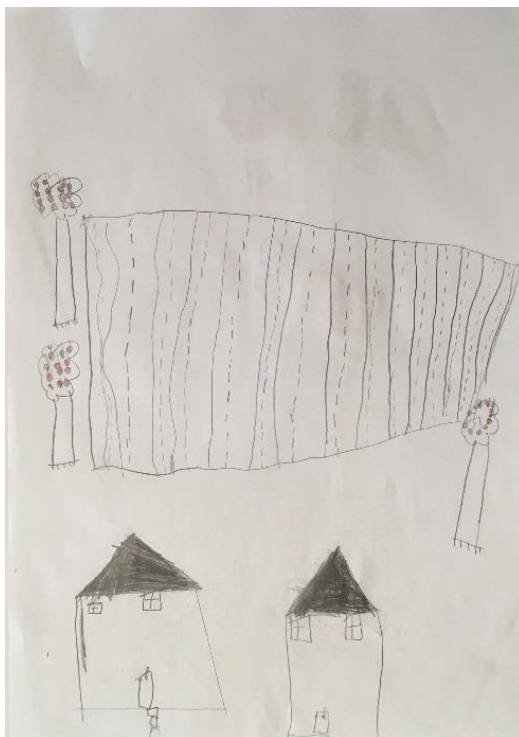


Fig. 22 - Desenho 095 representação da área agrícola.

### 3.2.6 INTERPRETAÇÃO ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL BATISTA - BOM JESUS DO ITABAPOANA

Com base na análise da percepção das crianças da Escola Batista da cidade de Bom Jesus do Itabapoana, a maior percentagem retrata as casas como maior representação da cidade, podendo-se concluir que essas crianças, quando não estão na escola, passam a maior parte do tempo em suas casas. No estudo de Çubukçu et al. (2018), o resultado é simplesmente ao contrário, crianças de cidades mais urbanizadas, evidenciaram na pesquisa passar mais tempo em áreas internas do que crianças de zonas rurais.

Pode-se alcançar é que a falta de mobilidade na cidade e de espaços públicos para lazer, não estimula as crianças a se deslocarem constantemente, gerando novas perspectivas da cidade, logo, tendem a se manter em áreas externas próximas à casa. Dessa maneira, intitulamos a casa com 53% de ocorrências, como o Nó principal de conexão e formação do mapa mental da cidade pelas crianças.

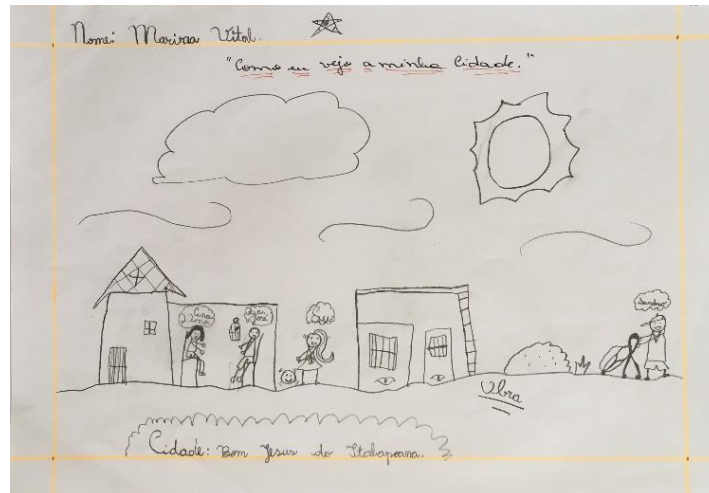


Fig. 23 - Desenho 100 ilustração da casa.

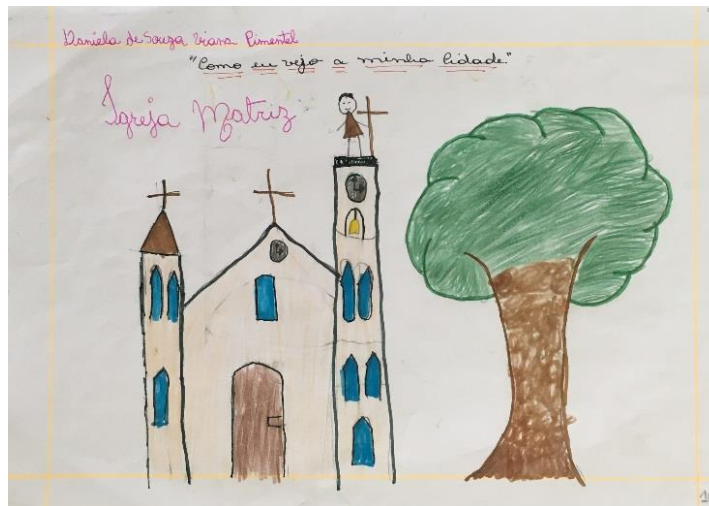


Fig. 24 - Desenho 097 representação da Igreja Matriz do Senhor Bom Jesus

O Marco é verificado como a segunda maior ocorrência - 25% -, sendo representada duas vezes a igreja Matriz e a própria Escola Batista, onde as crianças estudam.

O baixo deslocamento ainda converge para a ausência de Limites, sendo constatado em apenas um desenho. Logo, quando se trata das características representativas como infraestrutura nos desenhos, não se constata a presença de veículos, calçadas, ruas e estradas.

Gehl (2010, p.19) menciona em seu livro Cidades para as Pessoas que caminhar é um elemento essencial para o ser humano compartilhar relações sociais e vivenciar novas experiências associadas à vida nas cidades.

Gráfico 9 - Incidências em % Imagem da Cidade EPCEB/Bom Jesus

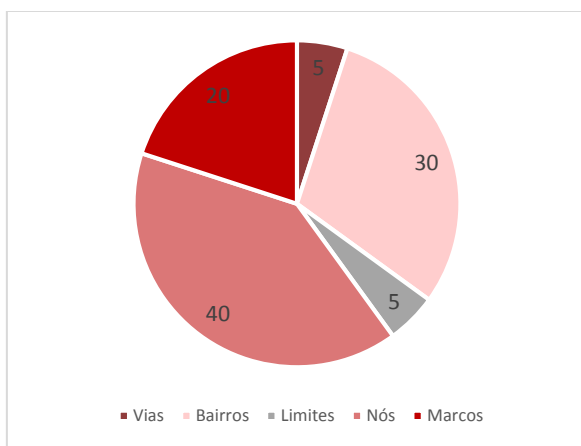
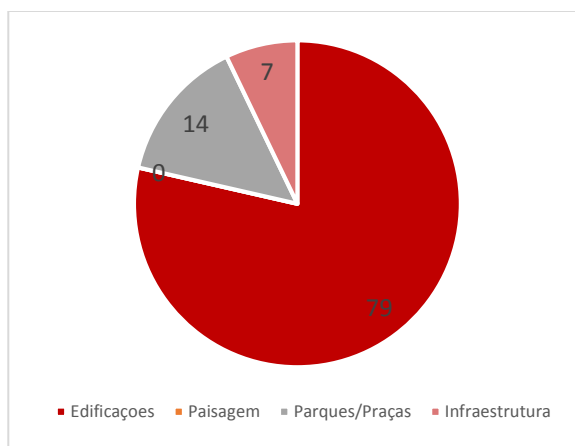


Gráfico 10 - Incidências em % Matéria EPCEB/Bom Jesus



Fonte: Elaborada pelo autor

### 3.2.7 INTERPRETAÇÃO ESCOLA THAU - BARCELONA

Nota-se nos desenhos apresentados pelas crianças de Barcelona, que os Marcos incidem em 6 dos 15 desenhos desenvolvidos, representando 27%. Os elementos clássicos, referência da cidade surgem na imagem da Sagrada Família, e também em elementos recortados de áreas distintas como a Casa Batlló e o Monumento a Cristóvão Colombo, no mesmo desenho da (Figura 25)

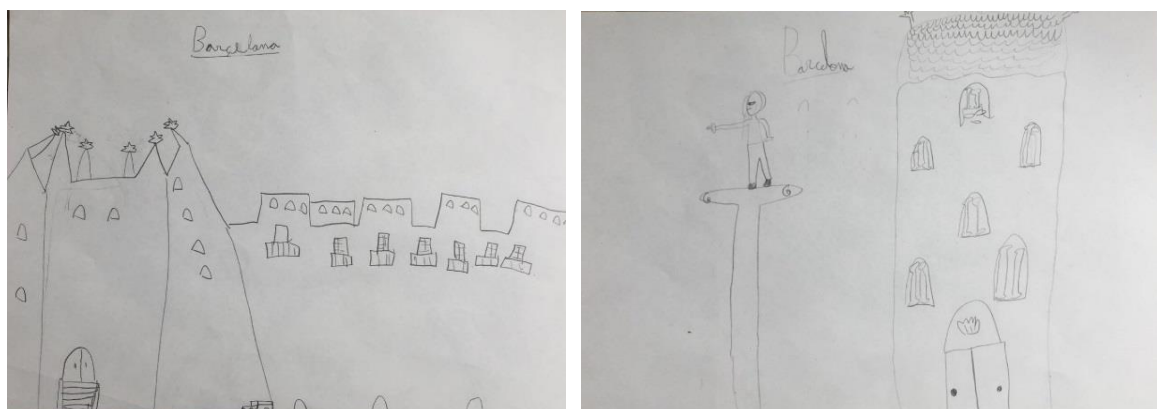


Fig. 25 - Desenho 109 e 113 Marcos da Cidade de Barcelona

A homogeneidade das edificações na rígida malha urbana da cidade é representada em 9 dos 15 desenhos, correspondendo a uma incidência de 47%. A escala não variou entre as imagens desenvolvidas, apresentando uma uniformidade na percepção espacial.

No que se refere às Vias, esse elemento passa despercebido na imagem da cidade, apenas um desenho apresenta uma cena de rua com veículos circulando entre os edifícios. (Figura 26)



Fig. 26 - Desenho 110 Via

Na imagem da cidade para as crianças da Escola Thau também não há barreiras físicas expressivas representadas, os Limites surgem em 3 desenhos com as praias tratados mais como área de lazer do que como barreiras naturais. Apesar da inclusão das praias na percepção da cidade, a representação de outros espaços públicos abertos como os parques e as praças foram baixas, sendo inseridos em 3 dos 15 desenhos realizados.

### 3.2.8 INTERPRETAÇÃO ESCOLA KOTLÁŘSKÁ - BRNO

Ao analisar os desenhos das crianças de Brno, podem constatar-se fragmentos da cidade. Muitas das vezes edificações comerciais isoladas, aspecto fortemente ligado a imagem urbana, podendo evidenciar uma imagem do consumo em 14 dos 38 desenhos. Shoppings, lojas de eletrônica, todos os tipos de marcas conhecidas do gênero alimentar a vestuário. Por exemplo, é possível ver em 4 desenhos a rede de lanchonetes McDonald's, a rede KFC surge em outros dois desenhos, a marca Zara e a loja Decathlon são representadas em um desenho (Figura 27). Outros marcos também chamam a atenção das crianças, como a Vila Tugendhat e o Castelo Spilberk, como os desenhos 124 e 128 (Figura 28).

Gráfico 11 - Incidências em % Imagem da Cidade E. Kotlářská/Brno

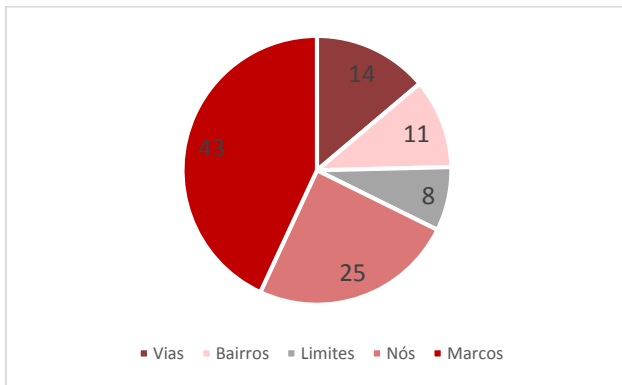
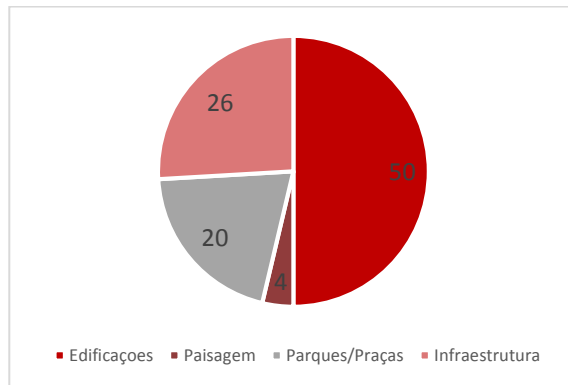


Gráfico 12 - Incidência em % Matéria E. Kotlářská/Brno



Fonte: Elaborada pelo autor



Fig. 27 - Desenho 126 e 152 - Marcos Comerciais



Fig. 28 - Desenho 124 e 128 como Marcos Turísticos

Dando continuidade a análise, segundo os conceitos de Lynch, os Nós surgem nos desenhos das crianças com a imagem de áreas verdes como os parques e praças e até mesmo um zoológico. Nesses desenhos, além das árvores, relva, areia, aparecem outros pormenores como brinquedos e animais. Encontram-se em dois desenhos áreas de recreação fechada.



Fig. 29 - Desenho 131 Ilustração do Parque Desenho 139 "To je nádhera!"

As crianças optaram por adicionar informações nas imagens, com os nomes dos parques, praças, edificações e até expressão pode ser lida no alto do castelo, "To je nádhera!" (Isso aqui é lindo!), no desenho 139 (Figura 29).

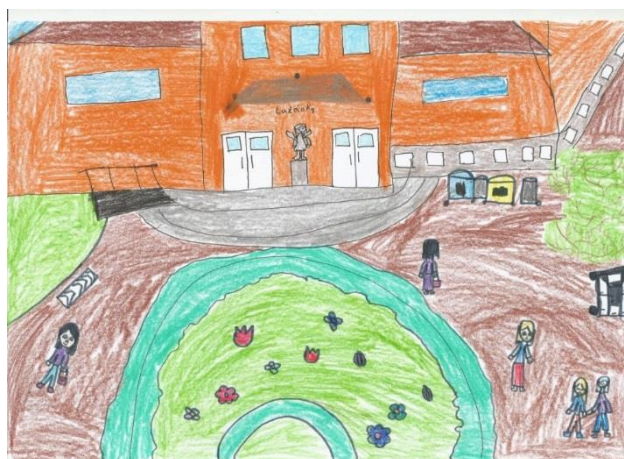


Fig. 30 - Desenho 129 preocupação ambiental

As Vias, com 14% de incidência, surgem nos desenhos de forma secundária, sem muita representatividade. Em muitos desenhos, servindo apenas de conexão com as edificações.

O desenho 129 (Figura 30) evidencia a preocupação ambiental no pormenor do container de reciclagem junto à escola.

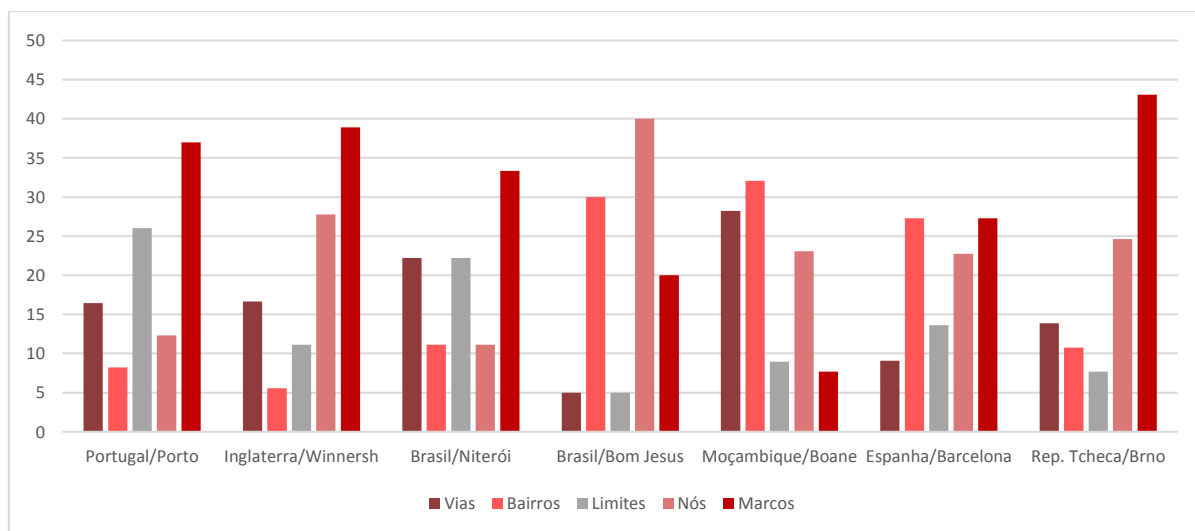
### 3.3 RESULTADOS

Este capítulo apresenta um relato detalhado da leitura produzida a partir da percepção das crianças em seu ambiente. Após a análise individual de cada escola aqui foram compilados os resultados, não de forma comparativa entre cada escola ou cidade, e, sim, por correspondência e existência de elementos que caracterizam a imagem da cidade identificados na forma coletiva das imagens.

Após uma interpretação dos desenhos foram obtidas 304 incidências para os elementos da Imagem da Cidade e 241 incidências para Matérias. As informações foram inseridas na base de dados e sobrepostas para obtenção de um resultado global. No gráfico abaixo é possível observar a incidência dos elementos da imagem da cidade, cidade por cidade.

Seguindo os princípios e conceitos relativos à qualidade da forma de Lynch (1997), os resultados obtidos foram proveitosos, constatando-se a correlação com os elementos propostos por este autor. Esses resultados foram traduzidos e diagramados por relações julgadas relevantes nos elementos encontrados.

Gráfico 13 - Variação na percepção geral dos elementos da Imagem da Cidade em % - Modelo Barra



Fonte: Elaborada pelo autor

Como em estudos anteriores (Lehman-Frisch et al, 2012, P.22; Çubukçu et al., 2018, p.866), os desenhos das crianças também foram classificados em Desenhos Planos como mapas, e Desenhos Figuras como vistas em perspectivas (Figura 31). As crianças preferiram desenhar

figuras vistas em perspectiva, apontando assim, uma representatividade de 75%. Embora esse tipo de representação muitas das vezes seja incoerente com o posicionamento geográfico e não reflita a complexidade da realidade, apresenta-se entretanto, muitas das vezes de modo simples, agradável e harmoniosa, como forma de representação espacial.

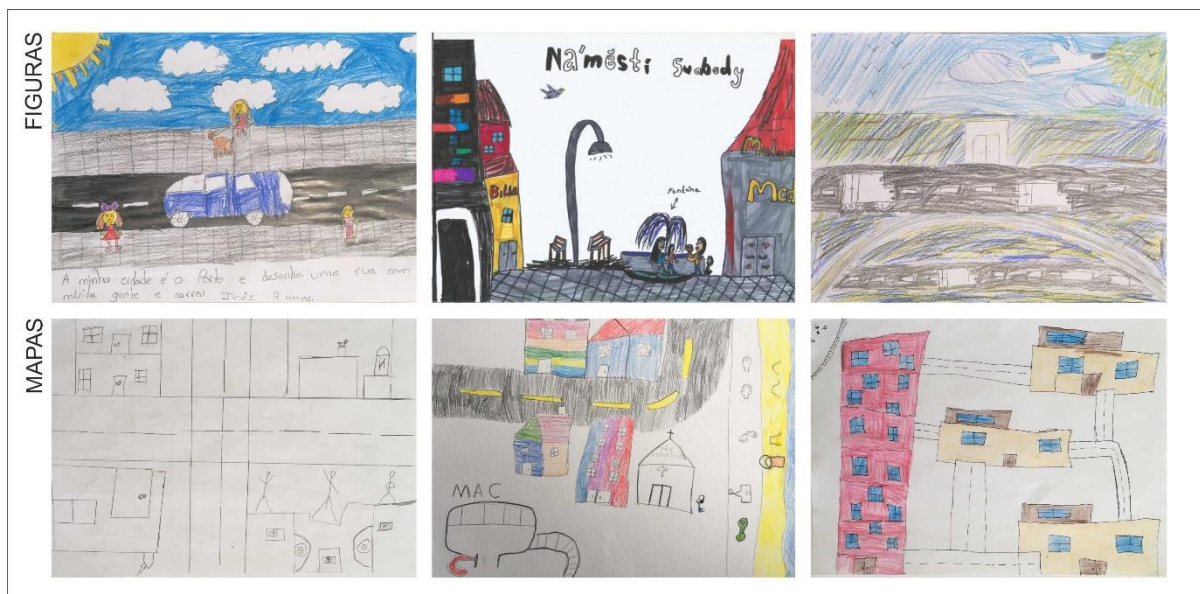


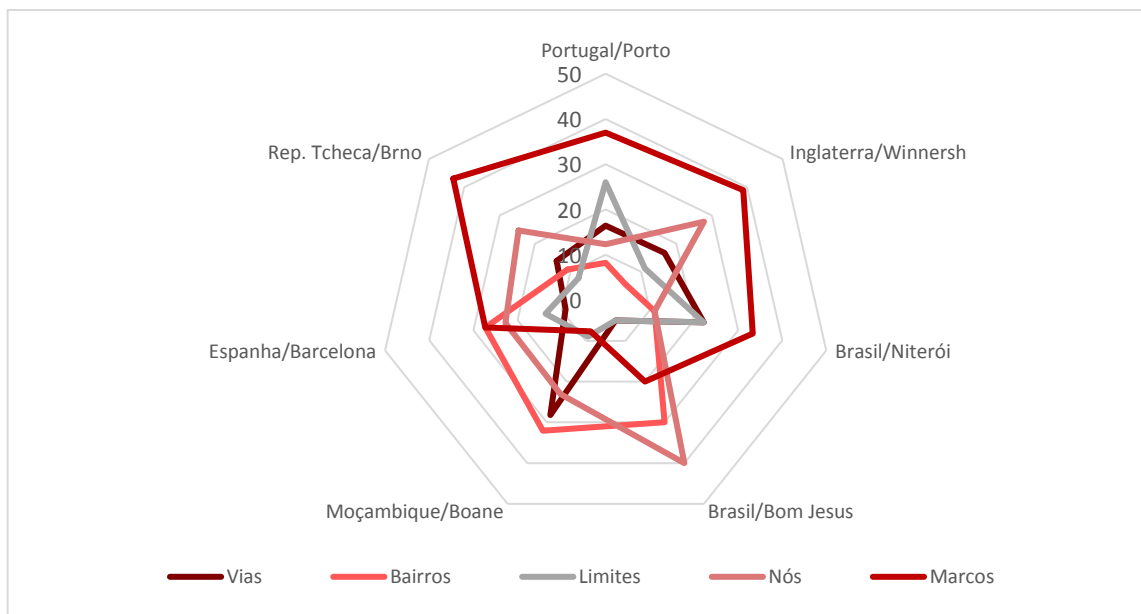
Fig. 31 - Figuras vs. Mapas

No que se refere ao conjunto das informações, pode-se concluir que no nível global os desenhos são ‘iguais’, apresentando características dominantes semelhantes como Marcos, Vias, Limites, Nós e Bairros – embora o resultado mostre altos níveis de variação em termos de elementos da imagem urbana e como a forma urbana é percebida pelas crianças.

Ao aprofundar a análise, constata-se a representação de Marcos, nos desenhos das crianças, em todas as cidades. No estudo apresentado por Çubukçu et al. (2018, p.870), os autores evidenciam como as crianças das zonas rurais costumavam desenhar uma mesquita e as crianças urbanas desenhavam frequentemente a famosa torre do relógio do centro da cidade de Izmir. Não muito diferente, a maioria das crianças nas 7 cidades, desenharam edificações emblemáticas, ora uma edificação histórica, como castelos e torres, ora um mercado local ou uma igreja, que, de certa forma, são elementos centrais na criação de seus mapas mentais, que os ajudam, não só a reconhecer suas cidades ou parte de suas cidades, como os ajudam a construir o sentido de lugar. A forma ou significado distintos de um marco, serve como um

gatilho na percepção e para a memória, de forma que os Marcos foram evidenciados em 5 das 7 cidades, refletindo um vasto contributo para a identidade urbana. (Gráfico 14)

Gráfico 14 - Variação na percepção geral dos elementos da Imagem da Cidade - Modelo Radar



Fonte: Elaborada pelo autor

As edificações históricas e os centros históricos das cidades, como no Porto e Brno, tiveram uma forte representação na percepção das crianças, o que apoia os resultados de descobertas anteriores, como Ökesli e Gürçınar (2013, p.46) e Çubukçu et al. (2018, p.847) que argumentam que os edifícios recorrentes na mente dos residentes constituem pistas para a identidade urbana e edifícios históricos têm maior probabilidade de serem percebidos pelos residentes.

A cidade na sua totalidade é representada fragmentada. A criança é capaz de conectar vários pontos da cidade em uma imagem. Lynch (1997, p.13) afirma que a cidade imaginável é aquela cujos elementos devem ser diferenciados e bem conectados. As crianças conectam e anexam suas interpretações, como em diversos “frames” fotográficos, de forma que se possam localizar no espaço e no tempo, criando um senso geral e permitindo a representação de uma cidade verdadeiramente imaginável.

Quando se refere ao elemento limite, pode-se observar que na representação dos desenhos, em um modo geral, é relativamente baixo, ainda que se encontre substancialmente representado nos desenhos das crianças da cidade do Porto e Niterói. Os Limites são bastantes legíveis nos

desenhos dessas crianças, a linearidade das vias, a continuidade dos rios e praias, fazendo com que o sentido da existência seja bastante claro.

Pode-se constatar que os limites são percebidos e representados, mas não são necessariamente impenetráveis na imaginação das crianças, não se tornam barreiras, mas sim, bons elementos de orientação.

Os Nós são significativamente representados nos desenhos das crianças, quando apresentam uma conexão entre edificações e o espaço urbano, na convergência das vias, e nas representações das praças e parques como intensidade funcional.

As Vias, como elemento relevante para orientação e de sentido de organização, que nos permitem a circulação pelas cidades, são o elemento fortemente representado pelas crianças da cidade de Boane, porém, nas demais cidades, apresentam uma representatividade baixa. Segundo Tuan (1980, p.200) a rua parece ser um tipo de meio ambiente físico bem específico, mas na realidade o seu caráter e uso podem variar enormemente. As rodovias foram representadas com duas ou três vias, ora largas ora estreitas, às vezes como uma simples linha junto à base do papel.

Os Bairros, no sentido de comunidade e vizinhança, apresentam uma grande representatividade nos desenhos das crianças de Boane, Barcelona e Bom Jesus do Itabapoana. Para essas crianças que residem em ambientes não tão urbanos, ficou demonstrado que seus bairros locais são importantes para que possam brincar, serem independentes e vivenciarem ao ar livre.

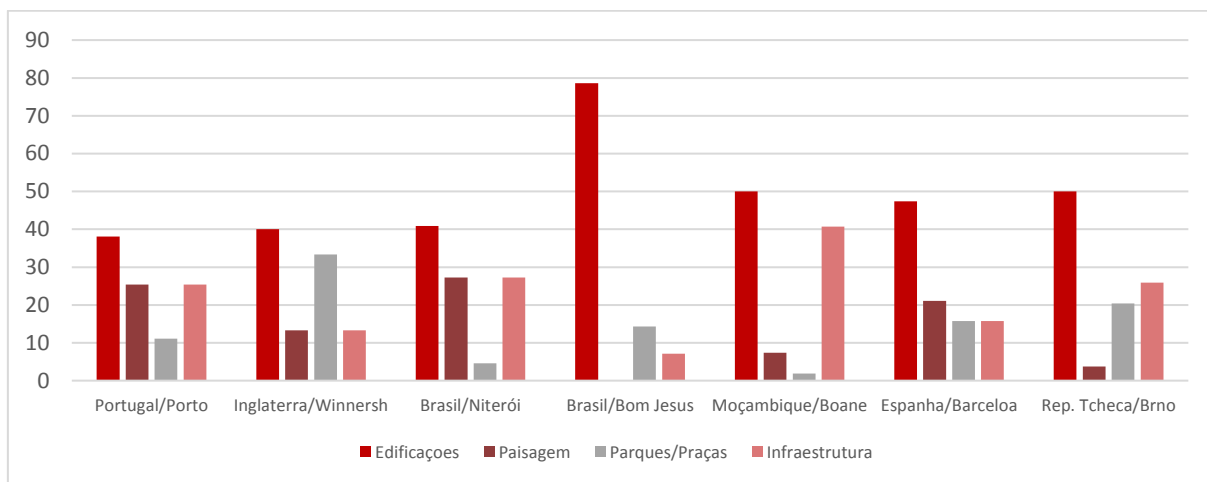
Já que o objetivo era perceber a primeira impressão das cidades a partir do olhar das crianças, era de se esperar representações de conjuntos de edificações, onde os mesmos, destacam-se como representantes da imagem urbana. Alguns prédios altos de moradia ou edificações comerciais foram comum nos desenhos das crianças da cidade de Barcelona e Niterói.

Muitos desenhos, como os desenvolvidos pelas crianças de Brno e Winnersh, mostraram uma fragmentação dos centros urbanos, de ruas ou edificações comerciais isoladas. Muitos dos desenhos apresentavam nomes específicos de estabelecimentos comerciais, como McDonald's, Decathlon, H&M, Zara, etc.

São desenhados 113 elementos relativos a edificações. Em cidades como Winnersh, Bom Jesus e Boane, são representadas edificações baixas e isoladas, de um a dois pisos e uma estrutura urbana mais disseminada. Em cidades mais densas como Niterói e Barcelona são abordadas as

verticalizações sendo as edificações, como as habitações, representadas de médio e grande porte.

Gráfico 15 - Variação na percepção geral dos elementos da Matéria do Ambiente Urbano - Modelo Barra



Fonte: Elaborada pelo autor

Para Alves (2003, p.51), cada edifício possui uma 'territorialidade', de maior ou menor influência na sua envolvente imediata e, conseqüentemente, no uso do espaço público e na conduta do cidadão. As edificações influenciam no sentido e na conduta de utilização do espaço circundante.

De forma geral, as edificações foram representadas de forma clássica, retângulos verticais para prédios de 2 ou mais andares, quadrados para casas com forma triangular na parte superior representando telhado. As edificações históricas ou emblemáticas possuem pormenores e peculiaridades distintas.

Apesar da grande incidência na paisagem urbana de edificações e infraestrutura, o que chamou a atenção foi a baixa representação de áreas verdes como Praças e Parques. As maiores incidências estão nos desenhos das crianças do Porto, Winnersh e Brno. Na cidade de Boane há apenas uma incidência em um universo de 31 desenhos. Essa análise revela a forma como têm sido exploradas as áreas públicas pelas crianças, nos dias atuais, refletindo-se nessa percepção. As possibilidades das crianças se movimentarem de forma independente na vizinhança diminuíram em muitos países (Kyttä, 2004, p.179). Enquanto antigamente as crianças brincavam nas ruas, hoje, por questões de segurança ou restrições dos pais, essas atividades acontecem em casa, na escola ou em shoppings.

Nos desenhos das crianças de Brno encontram-se representações de áreas de recreação indoor, uma forma de adaptação para os períodos de frio e mudanças de estilo de vida no ambiente urbano.

Embora, a baixa incidência de áreas verdes, as crianças não deixaram de apontar os locais de recreação em suas cidades. Nos desenhos de cidades como Porto e Niterói, as praias são constantemente representadas na paisagem urbana, assim como as experiências relacionadas. (Figura 32)



Fig. 32. Desenho 007 praia do Porto e desenho 057 praia de Niterói

Quando se trata da componente de infraestrutura, 24 dos 182 desenhos incluem representações de veículos motorizados. O transporte público surge apenas em 2 ocasiões, com o desenho do Metro na cidade do Porto e com ônibus na cidade de Niterói. Desenho com transporte aéreo surge em apenas 4 ocasiões, 3 aviões e 1 helicóptero. É admirável, quando se considera a importância dos veículos e do transporte público nas cidades atuais.

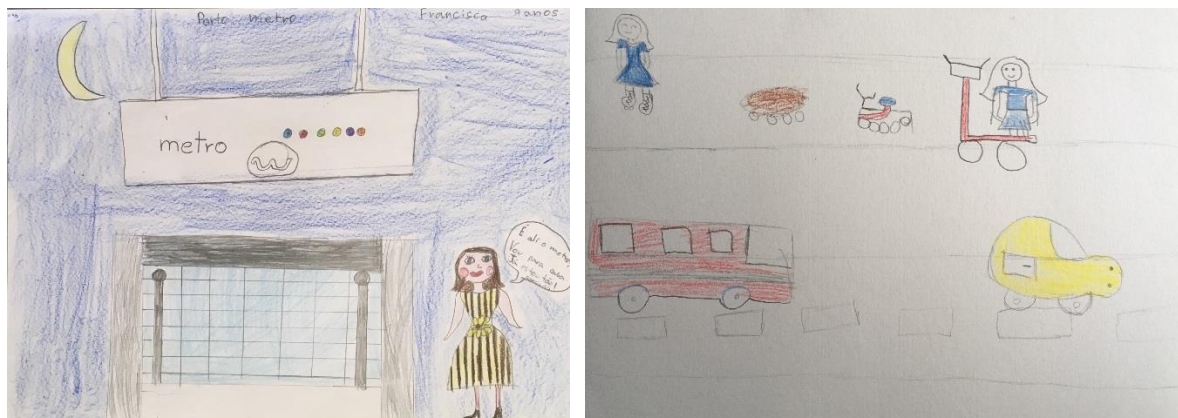
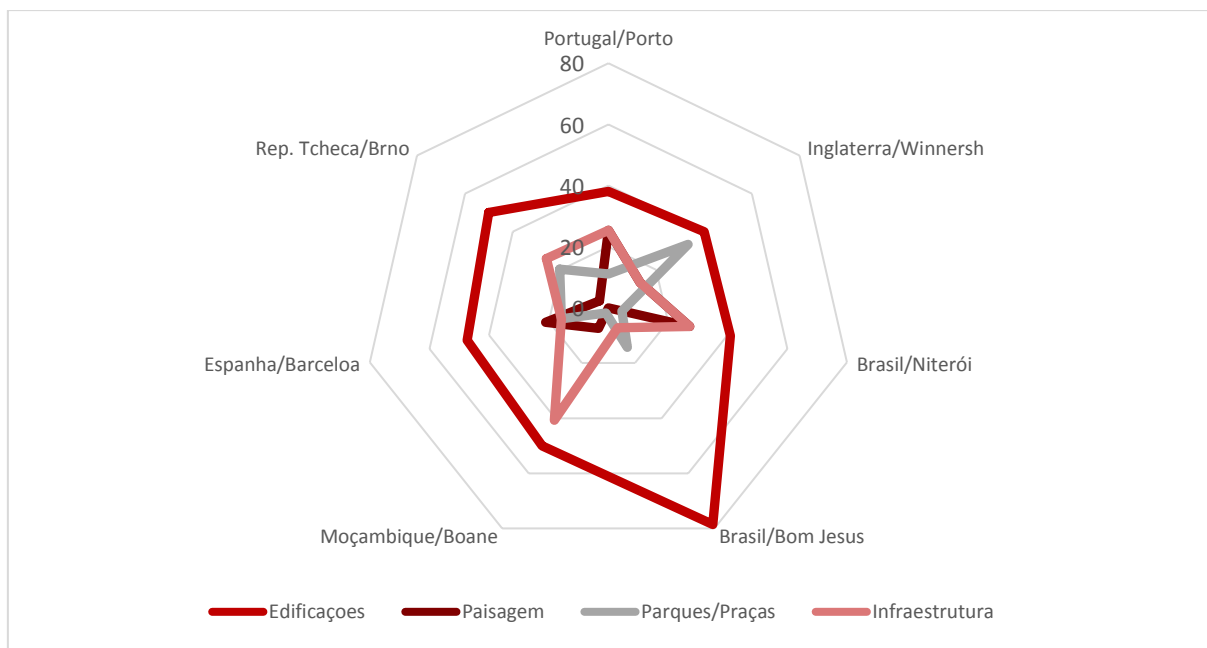


Fig. 33. Desenho 048 Metro do Porto e desenho 061 ônibus em Niterói

Gráfico 16 - Variação na percepção geral dos elementos da Matéria do Ambiente Urbano - Modelo Radar



Fonte: Elaborada pelo autor

A paisagem das cidades apresenta uma baixa representatividade. Mas quando desenhada enfatiza-se a dimensão e a sensibilidade visual presente nas respectivas cidades. As crianças do Porto, Niterói e Barcelona são as que mais retratam suas paisagens.

A ausência dessas componentes, como praças, parques ou áreas verdes, infraestrutura, a composição da paisagem, não significa necessariamente que as mesmas não existam no contexto dessas cidades, apenas que esses elementos para essas crianças não são tão ou mais perceptíveis, ou não têm o mesmo valor, quantos os outros apresentados.

De um modo geral, as representações espaciais das cidades feitas pelas crianças apresentam um equilíbrio e potencializam o debate, visto que retratam espaços urbanos a partir de suas experiências e conhecimentos pondo em evidência temas ou problemas que se podem reconhecer como desafios para a transformação futura da cidade.

# 4

## CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÃO

### 4.1. CONCLUSÃO

Este trabalho, primariamente exploratório e qualitativo, incidiu sobre *A cidade através dos olhos das crianças* com o objetivo de trabalhar com as próprias crianças no processo da pesquisa, olhando seus desenhos, identificando e explorando as percepções em seu contexto local.

Este estudo abordou a questão dos cinco elementos propostos por Kevin Lynch para a composição da análise física da percepção das crianças referente a sete cidades: Porto, Barcelona, Brno, Winnersh, Boane, Niterói e Bom Jesus do Itabapoana.

Não foi a intenção deste trabalho avaliar a qualidade dos desenhos desenvolvidos, mas identificar as características físicas legíveis, analisar as estruturas perceptíveis e argumentar os significados.

A legibilidade e a imaginabilidade estão diretamente relacionadas às relações homem e ambiente baseado na percepção e avaliação. A imaginabilidade, por outro lado, pode ser resumida por Lynch (1997, p.20) com o recurso ao conceito de identidade, o que significa que a “imagem” de um lugar é criada nas mentes humanas. A legibilidade em si é a simplicidade de perceber a organização espacial como um todo e reconhecer as partes separadas nesta composição (Lynch, 1997, p.13). O conceito de legibilidade tem sido estudado e discutido por diversos autores em diversas pesquisas (Gillespie, 2010; Lehman-Frisch et al, 2012; Ökesli e Gürçınar, 2013; Özgece et al., 2015; Larsen e Harrington, 2016; Çubukçu et al., 2018,) desde a década de 1960, quando Kevin Lynch abordou o tema. Desde então a teoria e o método utilizado mantêm-se atuais e significativos. A legibilidade e imaginabilidade têm se apresentado como ferramentas fundamentais de compreensão e percepção, evidenciando as características dos fenômenos urbanos que moldam a relação entre o homem e o espaço (Eraydin, 2007, p.121).

As cidades desenhadas pelas crianças apresentam múltiplas formas, identidades e significados em suas estruturas. Cada cidade, cada lugar, cada espaço é único. Algumas apresentam estruturas simples com planos regulares, outras com padrões complexos. Às vezes não nos permite uma legibilidade imediata e até mesmo dificulta a orientação, mas os elementos físicos como as vias, limites, bairros, nós e marcos, estão presentes em todas elas, e são essenciais definidores da imagem e paisagem da cidade.

As crianças se adaptam ao seu meio ambiente, constroem uma estrutura e uma identidade daquilo com que se deparam (Lynch, 1997, p.57). As características e os elementos usados na Imagem da Cidade foram observados pelas crianças, nas sete cidades, apesar da intensidade ter variado de uma cidade para outra.

As crianças nos apresentam com seus desenhos, características semelhantes, como edificações altas e baixas, vias curtas e largas, espaços de recreação e lazer, desenhos pertinentes atendendo à estrutura e à realidade de cada cidade. Fica evidenciado nos dados coletados, independentemente do significado, da função ou da história, a importância e a forma dada aos marcos pelas crianças. Esse elemento proporciona uma clareza visual e individual na construção da imagem e da paisagem da cidade em cada criança, ao contrário da análise de Stevens (2006, p.821) onde os marcos e os bairros têm um papel bastante limitado nas experiências espaciais, além da tarefa prática de orientação.

Ainda que as semelhanças entre os elementos representados nos desenhos dos diferentes países tenham sido significativas, também existem diferenças interessantes, que podem estar relacionadas com a forma como as crianças têm acesso às informações, como compartilham e vivenciam o espaço. Esta questão evidencia-se quando as crianças do Porto e de Niterói apresentam uma relação de vivência junto a elementos da natureza, as crianças de Boane e de Bom Jesus demonstram um laço e interação com o bairro e as crianças de Brno e Winnersh uma relação e identificação com os espaços de consumo. Como apresentado por Kytta (2004, p.194), as crianças são capazes de interagir efetivamente com seu ambiente e utilizar oportunidades dentro dele para desempenhar de forma independente, em um nível adequado às suas capacidades físicas e cognitivas.

A capacidade de conceber e fornecer informações espaciais da cidade, foi respondido pelas crianças com o exercício desenvolvido. As “crianças” percebem o ambiente em que vivem, principalmente seus sentidos básicos; no entanto, atitudes sociais, culturais e pessoais também têm um efeito importante em sua percepção (Ökesli e Gürçınar, 2013, p.50).

Metodologicamente, foi útil construir a investigação desenvolvida sobre o trabalho de outros estudiosos que empregaram técnicas de percepção e mapeamento com participantes crianças em cenários urbanos.

As estratégias utilizadas pelas crianças na confecção de desenhos são de interesse não só porque nos permitem fazer uma análise mais satisfatória da percepção infantil menos informada/codificada e por isso mais ingênua/autêntica, mas também porque [...] abrem a possibilidade de progresso na compreensão do desenvolvimento do planejamento e organização de habilidades em geral (Barraza, 1999, p.64).

Representar graficamente um espaço da cidade em que vivemos exige, portanto, o apelo de várias competências, como a memória, a imaginação, o domínio da escala e dos objetos gráficos. As crianças ficaram incumbidas em decidirem qual ou quais características eram mais ou menos importantes na composição da cidade, e como deveriam expressar. Desta forma, [...] o desenho produzido pela criança surge de considerável filtragem e não se aproxima da plenitude da relação entre as crianças e suas [cidades]. (Lehman-Frisch et al, 2012, p.21)

Para tal, as entrevistas individuais são, portanto, uma preciosa fonte adicional. Segundo Lehman-Frisch et al. (2012, p.21), elas [entrevistas] permitem que as crianças olhem para trás em suas produções gráficas com um olhar reflexivo, bem como para lhes dar uma oportunidade de expressar seus pensamentos sobre a cidade através de outro meio.

Para concluir, a percepção das crianças captada pelos desenhos, pode contribuir para proporcionar a inserção de uma dimensão pertinente da visão popular a respeito dos assuntos desafiantes e aspectos fundamentais para a qualificação do espaço da cidade.

Planejar uma cidade que seja relevante para seus cidadãos implica escutá-los ativamente, incluindo as perspectivas de crianças e jovens sobre as suas experiências do lugar. (Lopes, 2017, p.64)

Apesar da necessidade de maior concepção e elaboração de um modelo de análise mais denso e conceitual, essa forma de ver a cidade através dos olhos das crianças, apresentou uma abordagem exploratória ideal para o entendimento da cidade como objeto de experiência e de

vivência e por conseguinte, espera-se através dela, contribuir com orientações para a condução de outros estudos com outros participantes e em outras escalas.

#### **4.2. PROPOSTA FUTURA**

Seria enriquecedor aplicar em um futuro estudo, entrevistas com as crianças referentes aos desenhos desenvolvidos e questionários que fossem além das representações gráficas.

Seria interessante a aplicação dessa metodologia em torno da produção de desenhos, porém com o foco no espaço público, com intenção de perceber como as crianças se apropriam da cidade. Com os resultados obtidos, seria interessante desenvolver diretrizes na elaboração de planos ou projetos que atendam às reais necessidades das crianças no que se refere às condições de utilização efetiva da cidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, S. (2007). *Características sócio-emocionais do superdotado: questões atuais*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 371-378. <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a18.pdf>
- Alves, F. B. (2003). *Avaliação da qualidade do espaço público urbano: proposta metodológica*. Editado por Coleção: Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian ed., Lisboa.
- Amorim, N. C., & Coccozza, G. (2016). *O uso das unidades de paisagem como ferramenta metodológica para análise do sistema de espaços livres*. Pós. Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Arquitetura E Urbanismo Da FAUUSP, 23(40), 80-95. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2762.v23i40p80-95>
- Bandeira, M., Rocha, S. S., Pires, L. G., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). *Competência acadêmica de crianças do ensino fundamental: Características sociodemográficas e relação com habilidades sociais*. Interação em Psicologia, 10(1), p. 53-62. Acessado: 29.04.2019 [https://www.researchgate.net/publication/273025437\\_Autoconceito\\_habilidades\\_sociais\\_problemas\\_de\\_comportamento\\_e\\_desempenho\\_academico\\_na\\_puberdade\\_e\\_inter-relacoes\\_e\\_diferencas\\_entre\\_sexos](https://www.researchgate.net/publication/273025437_Autoconceito_habilidades_sociais_problemas_de_comportamento_e_desempenho_academico_na_puberdade_e_inter-relacoes_e_diferencas_entre_sexos)
- Barraza, L. (1999). *Children's Drawings About the Environment*. Environmental Education Research, 5:1, 49-66, DOI: 10.1080/1350462990050103
- Beirão, J. (2012). *Designing Grammars for Urban Design*. CityMaker, Delft. Acessado: 17.04.2019 <http://abe.tudelft.nl/article/view/beirão>
- Benevolo, L. (2006). *A cidade e o arquiteto*. Edições 70, Lisboa.
- Bonametti, J. H. (2004). *Paisagem urbana bases conceituais e históricas*. Terra e cultura. n.38, p.107.
- Burgess, E. W. (1970). *O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa*. In: PIERSON, Donald (Org). Estudos de Ecologia Humana. Leituras de Sociologia e Antropologia Social. Martins Fontes, São Paulo.
- Chambers, D.W. (1983). *Stereotypic images of the scientist: the draw-a-scientist test*. Social Studies of Science Education, Deakin University, Victoria. 67, pp. 255-26. <https://doi.org/10.1002/sce.3730670213>
- Chawla, L.; Driskell, D. (2008). *The Growing Up in Cities*. Project, Journal of Community Practice, 14:1-2, 183-200. [https://doi.org/10.1300/J125v14n01\\_11](https://doi.org/10.1300/J125v14n01_11)

- Clos, J. (2015). *Introdução*. In: *A Cidade ao Nível dos Olhos: Lições para os plinths*. Editado por Hans Karssenbergh et al. Traduzido por Paulo Horn Regal e Renee Nycolaas. Ed. EdiPUCRS, Porto Alegre.
- Cope, M., Elwood, S. (2009). *Qualitative GIS: A mixed methods approach*. SAGE Publications, 1ª ed., London.
- Corbusier, L. (2000). *Urbanismo*. Martins Fontes, 2.ed., São Paulo.
- Costa, M. R. A. da, Trindade F.C. (2017). *Os Plinths Do Centro De Manhauçu: Uma Análise Das Ruas Antônio Wellerson E Amaral Franco No Trecho Entre As Ruas Etelvino Guimarães E Capitão Rafael*. III Seminário Científico da FACIG – 09 e 10 de Novembro de 2017
- Çubukçu, E.; Kahraman, D.E.; Yavasal, O.F. (2018). *Comparing the lifestyles and environmental perceptions of rural and urban children: A case study in Turkey*. J. Hous. Built Environ. 33, 861–875 <https://doi.org/10.1007/s10901-018-9594-5>
- Cullen, G. (1996). *Paisagem urbana*. Edições 70, Lisboa.
- Domingues, A. (2001). A Paisagem Revisitada. Finisterra, XXXVI, 72. PP.55-66
- Eraydin, Z. (2007). *Building A Legible City: How Far Planning Is Successful in Ankara*. Dissertação de Doutorado Urban Design in City And Regional Planning., The Graduate School Of Natural And Applied Sciences Of Middle East Technical University.
- Farokhi, M., Hashemi, M. (2011). *The Analysis of Children's Drawings-Social, Emotional, Physical and Psychological aspects*. Procedia - Social and Behavioral Sciences 30 (2011) 2219 – 2224. doi:10.1016/j.sbspro.2011.10.433
- Matos, F.L. (2010). *Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades - o caso da cidade porto*. Observatorium: revista eletrônica de geografia, v.2, n.4, p.17-33, jul. Porto.
- Gehl, J. (2013). *Cidades para Pessoas*. Ed. Perspectiva, São Paulo.
- Gillespie, C.A. (2010). *How culture constructs our sense of neighborhood: mental maps and children's perceptions of place*. Journal of Geography, 109, 18-29
- Hart, R. (1979). *Children's experience of place*. Irvington, New York.
- Jacobs, J. (2000). *Morte e vida de grandes cidades*. Martins Fontes, São Paulo.
- Jobim e Souza, S. (2001). *Ressignificando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância*. In: KRAMER, S. e LEITE, M. I. (orgs.) *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 6ª ed. Campinas, Papirus, São Paulo.
- Kiyotani, I. (2014). *O conceito de paisagem no tempo*. Universidade Federal de Pernambuco. v. 29, n. 57, p 27-42. Geosul, Florianópolis.

- Kytta, M. (2004). *The extent of children's independent mobility and the number of actualized affordances as criteria for child-friendly environments*. Journal of Environmental Psychology, 21/02/2004, 179-198, Centre for Urban and Regional Studies, Helsinki University of Technology, Helsinki. Doi:10.1016/s0272-4944(03)00073-2
- Koolhaas, R., Mau, B. (2002). S, M, L, XL. Monacelli Press, U.S, Nova York.
- Lamas, J.M.R.G. (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. FCG/FCT, Lisboa.
- Larsen, T., Harrington, J. A. (2016). *Mental Maps and a Community-Based Sense of Place: A Case Study Among Kansas Third Graders*. Research Gate, 04/11/2016, 86 – 111. Kansas State University, Kansas City. <https://www.researchgate.net/publication/319088124>
- Lefebvre, H. (1991). *O direito à cidade*. Ed. Moraes, São Paulo.
- Lehman-Frisch, S., Authier, J.Y, Dufaux, F. (2012). *Draw me your neighbourhood': a gentrified Paris neighbourhood through its children's eyes*. Journal Children's Geographies Vol. 10, No. 1, February 2012, 17 – 34 Doi:10.1080/14733285.2011.638175
- Lopes, F. D. (2017). *Children's Interactions in the City: the interplay of mobility, affordances and urban space*. Doutorado em Motricidade Humana na Especialidade de Comportamento Motor, Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/13206>
- Lúcio, J (2011). *Uma mediação sócio-educativa na construção da cidade: o projeto 'Massarelos, Freguesia Educadora'*. Tese de doutoramento em ciências da educação [Mediação Sócio-Educativa na Construção da Cidade Educadora: O Projeto 'Massarelos, Paróquia Educativa Civil'. Tese de Doutorado em Ciências da Educação. Repositório, Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78113>
- Lozano, E. (1990). *Community Design and the Culture of Cities*. Cambridge University Press, United Kingdom.
- Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. Martins Fontes, São Paulo.
- Matthews, M.H. (1992). *Making sense of place: children's understanding of large-scale environments*. Harvester Wheatsheaf, Maryland.
- Mascaró, J. L. (2008). *Infraestrutura da Paisagem*. Ed. Masquatro Editora, Porto Alegre.
- Maximiano, L. A. (2004). *Considerações sobre o conceito de paisagem*. n. 8, p. 83-91. Editora UFPR, Curitiba. DOI: 10.5380/raega.v8i0.3391
- Moraes, N. T. A. (2014). *A paisagem como um discurso em Tarsila do Amaral, a construção de um diálogo entre o espaço social e pictórico na década de vinte 44 do século XX no Brasil: do Pau Brasil à Antropofagia*. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

- Nelson, K. (1993). The psychological and social origins of autobiographical memory. *Psychological science*. v.4. n. 1. p. 7-14.
- Ornstein, S.W.; Bruna, G.C.; Roméro, M.A. (1995). *Ambiente Construído e Comportamento*. EduSP/NOBEL, 206p., São Paulo.
- Ökesli, D. S., Gürçınar, Y. (2012). An investigation of urban image and identity. Findings from Adana. *Ç.Ü. Sosyal Bilimler Enstitüsü Dergisi*, Cilt 21, Sayı 1, 2012, Sayfa 37-52
- Passos, M.M.dos. (2013). *Paisagem e meio ambiente*. (Noroeste do Paraná). Eduem, 220p., Maringá.
- Peixoto, N. B. (1996). *Paisagens urbanas*. SENAC/ Ed. Marca D'Água, São Paulo.
- Penna, A.G. (1982). *Percepção e Realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva*. Editora Mercúrio Star Ltda. Rio de Janeiro.
- Population of municipalities of the Czech Republic. Czech Statistical Office. Acessado: 14.05.2019  
<https://www.czso.cz/documents/10180/91917344/1300721903.pdf/ea01e710-2ae5-49f3-8792-ebb384754346?version=1.0>
- Rapoport, A. (1977). *Human aspects of urban form: Towards a man-environment approach to urban form and design*. Pergamon Press, Oxford.
- Rossi, A. (2001). *A arquitetura da cidade*. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo.
- Sauer, C. (1998). *A morfologia da paisagem*. EdUERJ, Rio de Janeiro.
- SERVIÇO DISTRITAL DE ATIVIDADES ECONÓMICAS DE BOANE. (2010). Relatório de atividades (SDAE), (Outubro de 2009 a Março de 2010).
- Shalev, K (2008). *Sketch maps: An old technique with new applications*. *Issues in Forensic Psychology* 8: 56 - 67
- Smithson, A.; Smithson, P. (1993). *Italian thoughts*. International Laboratory of Architecture and Urban Design, London.
- Stevens, Q. (2006). *The shape of urban experience: a re-evaluation of Lynch's five elements*. *Environment and Planning B: Planning and Design*, 20/01/2006, volume 33, pages 803 - 823 The Bartlett School of Planning, University College London, London.  
<https://doi.org/10.1068/b32043>
- Tripathy J. , (2018). *Development as Urban Imaginary: Post-colonial Planning and Heteroglossic Cities of India*. Department of Humanities and Social Sciences, Indian Institute of Technology Madras, Tamil Nadu, India. Research Article. Volume: 4 issue: 2, page(s): 233-254 <https://doi.org/10.1177/2393861718767241>

- Tuan, Y.F. (1980). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Difel, São Paulo.
- \_\_\_\_\_, Y.F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Difel, São Paulo.
- Valques, I.J.B. (2008). *Índice de desenvolvimento de desenho para avaliação da qualidade ambiental de lugares urbanos*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.
- Wachsmuth, D. (2014). *City as Ideology: Reconciling the Explosion of the City Form with the Tenacity of the City Concept*. Environment and Planning D: Society and Space 2014, volume 31, pages 75 – 90. Doi:10.1068/d21911








ANEXOS

A.1. Modelo de Tabela para classificação de desenhos, conforme os elementos da Imagem da Cidade e Matéria do Ambiente Urbano.

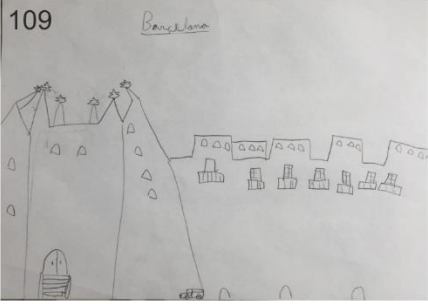
		109	110	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	Incidência	Porcentagem %
Escola Thau - Barcelona	Imagem da Cidade	Vias		+		+											2	9 %
		Bairros	+			+				+			+		+	+	6	27 %
		Limites			+						+			+			3	14 %
		Nós	+	+				+	+			+					5	23 %
		Marcos	+				+	+	+			+					6	27 %
Matéria	Edificações	+	+		+	+	+		+			+		+	+		9	47 %
	Paisagem	+		+						+			+			4	21 %	
	Parques/Praça							+			+				+	3	16 %	
	Infraestrutura	+	+		+											3	16 %	

A.2. Modelo de classificação de desenhos, conforme os elementos da Imagem da Cidade.


**LEGENDA:**

 BAIRRO    
  NÓ    
  CAMINHO    
  MARCO    
  LIMITE


**109** Barcelona




**110** Barcelona




**111** Barcelona Platja




**112** Barcelona



**113** Barcelona



**114** Sant Feliu de Llobregat



A.3. Tabela com idade e número de participantes em cada país.

Tabela 1. Características dos Participantes

País/Cidade	Idade	Participantes
Portugal/Porto	9-10	43
Inglaterra/Winnersh	8-10	11
Brasil/Niterói	8-10	13
Brasil/Bom Jesus	7-8	13
Moçambique/Boane	8-9	31
Espanha/Barcelona	7-9	15
Rep. Tcheca/Brno	7-10	56
TOTAL		182

A.4. Tabela com incidências, em percentagem, da Imagem da Cidade, de todos os Países.

Tabela 2. Principais incidências em % da Imagem da Cidade

País/Cidade	Vias	Bairros	Limites	Nós	Marcos
Portugal/Porto	18	8	26	11	38
Inglaterra/Winnersh	17	6	11	28	39
Brasil/Niterói	22	11	22	11	33
Brasil/Bom Jesus	5	30	5	40	20
Moçambique/Boane	28	32	9	23	8
Espanha/Barcelona	9	27	14	23	27
Rep. Tcheca/Brno	14	11	8	25	43

A.5. Tabela com incidências, em percentagem, da Matéria do Ambiente Urbano, de todos os Países.

Tabela 3. Principais incidências em % Matéria do Ambiente Urbano

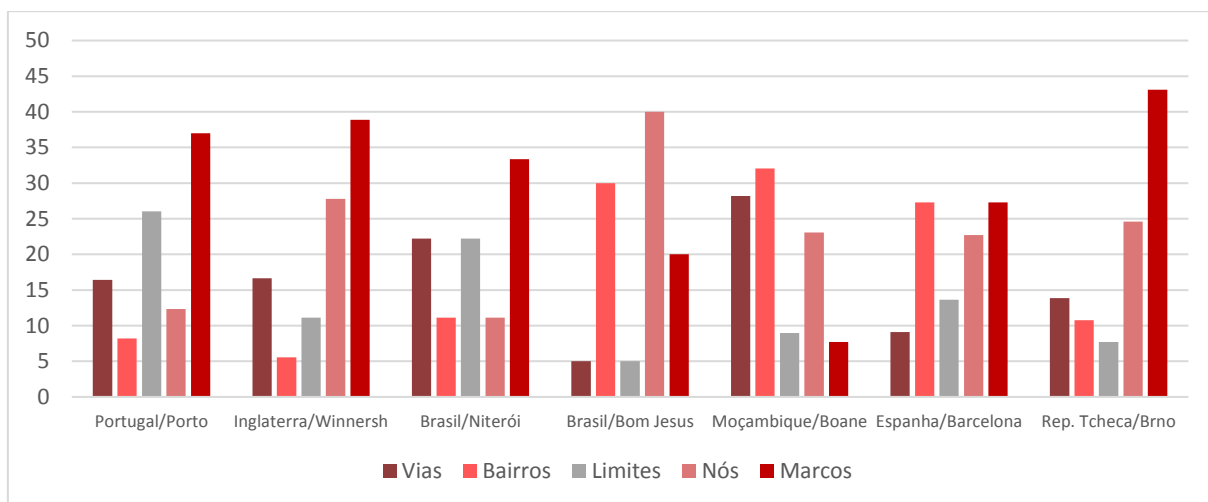
País/Cidade	Edificações	Paisagem	Parques/Praças	Infraestrutura
Portugal/Porto	38	25	11	25
Inglaterra/Winnersh	40	13	33	13
Brasil/Niterói	41	27	5	27
Brasil/Bom Jesus	79	0	14	7
Moçambique/Boane	50	7	2	41
Espanha/Barcelona	47	21	16	16
Rep. Tcheca/Brno	50	4	20	26

## A.6. Tabela com classificação de modelos de desenho Figura vs. Mapa, de todos os Países.

Tabela 4. Classificação de desenhos Figuras vs. Mapas

País/Cidade	Desenhos Figuras	Desenhos Mapas
Portugal/Porto	34	9
Inglaterra/Winnersh	11	0
Brasil/Niterói	8	5
Brasil/Bom Jesus	10	3
Moçambique/Boane	26	5
Espanha/Barcelona	14	1
Rep. Tcheca/Brno	35	21
<b>TOTAL</b>	<b>138</b>	<b>44</b>

## A.7. Gráfico com total de incidências, em porcentagem, da Imagem da Cidade, de todos os Países.



## A.8. Gráfico com total de incidências, em porcentagem, da Matéria do Ambiente Urbano, de todos os Países.

